

# “EUROCOMUNISTAS” BRASILEIROS NA UNIVERSIDADE

BRAZILIAN “EUROCOMMUNISTS” AT UNIVERSITY

**Marcelo Fontenelle e Silva**

Graduado e mestre em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Maranhão (UFMA), doutor em Ciência Política pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) e integrante do Laboratório de Estudos Geopolíticos da Amazônia Legal do Maranhão (LEGAL-MA).

 10.17771/PUCRio.DDCIS.69063

## RESUMO

O presente artigo parte da análise das trajetórias de agentes identificados com a "corrente renovadora" do Partido Comunista Brasileiro (PCB), formada em fins da década de 1970 e início de 1980, por um conjunto de militantes que eram identificados, entre outros elementos, pelo prestígio intelectual, pela busca por "renovação" do marxismo e pela defesa da democracia como um valor universal. Entre esses agentes, aqueles que obtiveram maior prestígio e reconhecimento foram os que deixaram de ser intelectuais partidários e tornaram-se intelectuais universitários, o que foi feito mediante a existência de uma série de tensões por conta da convivência deles com o padrão de excelência intelectual que se impunha à época, fortemente calcado no modelo estadunidense de ciência. Destaca-se, assim, a posição ocupada por esses agentes em meio ao espaço universitário, o modo como os próprios encararam a atuação nesse espaço e o caráter geral de suas obras, comparando-os com as elites que se afirmaram nesse mesmo período.

**Palavras-chave:** intelectuais comunistas; eurocomunismo; trajetórias; corrente renovadora; Luiz Werneck Vianna; Carlos Nelson Coutinho.

## ABSTRACT

This present study aimed to analyze the trajectories of agents identified with the "renewal current" of the Brazilian Communist Party (PCB), formed in the late 1970s and early 1980s by a group of militants who were identified, among other elements, by intellectual prestige, the search for "renewal" of Marxism and the defense of democracy as a universal value. Among these agents, those who obtained greater prestige and recognition were those who stopped being partisan intellectuals and became university intellectuals, which was done through the existence of a series of tensions due to their coexistence with the standard of intellectual excellence that was imposed at the time, strongly based on the North American model of science. Therefore, the position occupied by these agents in the university space stands out, as well as the way in which they viewed their activities in this space and the general nature of their works, comparing them with the intellectual elites of this same period.

**Keywords:** communist intellectuals; eurocommunism; trajectories; renewal current; Luiz Werneck Vianna; Carlos Nelson Coutinho.

O desenrolar da redemocratização no Brasil, a partir do final da década de 1970, fez com que os chamados “eurocomunistas” se deparassem com uma nova conjuntura, convertendo os trunfos e recursos acumulados para a atuação profissional na universidade, no jornalismo ou na política, mas agora em cargos eletivos – casos de Milton Temer e de Aloysio Nunes. Mas, como demonstrado em outro espaço,<sup>1</sup> o destino da maior parte dos agentes mais fortemente reconhecidos como integrantes da chamada “corrente renovadora” foi o ambiente universitário.

O presente artigo tem como objetivo aprofundar a análise da relação desses agentes com o ambiente universitário, o que nos possibilita compreender as condições que possibilitaram que eles mantivessem uma reconhecida atuação intelectual ao longo da década de 1980, período de intensas transformações nos espaços acadêmico e intelectual. Busca-se, portanto, destacar alguns elementos para contribuir com a compreensão de tais transformações, cujas consequências perduram até os dias atuais.

O período aqui estudado – fim da década de 1970 e início da década de 1980 – é amplamente aceito como de “recessão do marxismo” (Hobsbawm, 2011), e também pode ser caracterizado como um momento em que as mudanças no espaço intelectual e acadêmico brasileiro levaram à valorização da especialização, da profissionalização e do modelo estadunidense de fazer ciência (Keinert, 2011; Vianna, 1997). Também é necessário frisar que a saída desses intelectuais das hostes comunistas não foi um fenômeno exclusivamente brasileiro, envolvendo também intelectuais comunistas de outros países, como podemos ver nos casos italiano (Magri, em 2014) e francês (Ross e Jenson, em 1996). Cabe questionar, portanto, o porquê de esses agentes permanecerem, apesar da conjuntura aparentemente hostil a tais posições, reivindicando a identidade comunista e esse modo de exercer o ofício intelectual.<sup>2</sup>

A partir de tais questionamentos, a análise empreendida neste artigo demonstra que o *modus operandi* desses intelectuais – que preconiza o vínculo entre política, jornalismo e universidade e nega a especialização – não foi completamente inviabilizado, mas obrigou que tais agentes adaptassem a militância intelectual – antes feita, em especial, com base no lastro institucional do partido comunista – às novas injunções do meio, em que a profissionalização na universidade passa a desempenhar um papel central. Dessa forma, as intervenções desses intelectuais vão progressivamente passando a ser feitas a partir da universidade e da condição de professor universitário – e não mais de militante comunista. Demonstra-se, assim, como foi feita a passagem de intelectuais partidários para intelectuais universitários.

Esse processo foi acompanhado por estratégias compensatórias de valorização. Estas, porém, não impediram que a maior parte deles passassem a ocupar posições dominadas na

---

<sup>1</sup> Ver o primeiro capítulo de Silva (2022a).

<sup>2</sup> Questão semelhante foi posta por Christophe Charle (2018) ao resenhar a autobiografia de Eric Hobsbawm.

hierarquia acadêmica.<sup>3</sup> Um elemento que corrobora esse argumento refere-se ao caráter das fontes disponíveis para análise de suas trajetórias. Sabe-se que estudos prosopográficos têm grande dificuldade de operacionalização quando focados em agentes em posições dominadas, pois estes não costumam ser agraciados com o registro de suas vidas. O contrário vale para as elites, costumeiramente laureadas com memoriais, entrevistas, biografias, autobiografias e diversos outros tipos de homenagens.<sup>4</sup> A quase completa ausência de informações para um dos agentes (Antônio Carlos Peixoto), portanto, não é um problema metodológico, mas um dado analítico. O mesmo vale para o fato de haver mais informações, progressivamente, quando analisamos a trajetória de Ivan de Otero Ribeiro, Leandro Konder, Carlos Nelson Coutinho e Luiz Werneck Vianna.

A presente análise também demonstra que quaisquer apropriações que vejam esses intelectuais como meros instrumentos partidários não fazem jus às realidades deles.<sup>5</sup> A questão da autonomia é analisada, portanto, com base em considerações sobre suas trajetórias, seus capitais, as mudanças nos espaços em que atuaram e a conjuntura envolvendo o movimento comunista nacional e internacional.<sup>6</sup>

Este artigo está dividido em três partes, além desta introdução e das considerações finais. A primeira delas intitula-se "O espaço universitário e a 'corrente renovadora'", e tem como foco analisar a configuração familiar dos agentes e os primeiros contatos com o mundo universitário, ainda na condição de estudante de graduação e pós-graduação. A segunda parte intitula-se "As produções intelectuais", e tem como foco resgatar algumas considerações que contribuam para situar tais produções no espaço intelectual e universitário. A terceira parte, por fim, intitula-se "Política, universidade e circulação internacional – o capital militante e as possibilidades de reconversão", em que o foco está em analisar o que possibilitou a entrada desses agentes no espaço universitário e situar a posição ocupada por eles em relação às elites desse espaço em pleno processo de transição de regime.

---

<sup>3</sup> Destes, o único a ocupar posições acadêmicas de maior prestígio foi Luiz Werneck Vianna, como demonstrado pormenorizadamente no capítulo 3 de Silva (2022a).

<sup>4</sup> Stone (2011) já destacara a dificuldade em encontrar fontes adequadas para o estudo prosopográfico dos setores dominados, enquanto acontece o inverso com as elites. Miceli (2001a) confirma a validade de tal afirmação para o caso brasileiro.

<sup>5</sup> Como demonstrado por Matonti (1999) para intelectuais comunistas franceses.

<sup>6</sup> Tais pistas teórico-metodológicas foram traçadas por Gisèle Sapiro (2012, p. 40): "Se é esperado dos intelectuais de instituição, como um todo, que renunciem a sua liberdade de consciência pela defesa da causa, eles não formam, no entanto, uma categoria homogênea do ponto de vista das modalidades ou das formas de engajamento. Na verdade, sua aptidão em afirmar sua autonomia no interior da instituição varia em função de suas propriedades sociais e de seu capital simbólico específico, levando-lhes a adotar posturas que se aproximam das outras figuras ideal-típicas".

## O espaço universitário<sup>7</sup> e a “corrente renovadora”

Dentro do conjunto de agentes mais fortemente identificados pelo pertencimento à “corrente renovadora”, vários deles tiveram uma forte relação com a universidade, e alguns deles chegaram a se profissionalizar na academia, adquirindo mais ou menos destaque, a depender do caso. A relação com a universidade, porém, vai para além dos agentes que se profissionalizaram nela. Aloysio Nunes Ferreira, por exemplo, concluiu o mestrado em Ciência Política em 1974, na França; foi professor da Universidade de Besançon (França) entre 1972 e 1973 e, entre 1980 e 1983, foi professor da Universidade de São Paulo (USP), profissionalizando-se na política eletiva após 1983, quando assumiu o cargo de deputado estadual pelo Movimento Democrático Brasileiro (MDB) de São Paulo (Aloysio, 2009).

Há ainda agentes identificados como próximos à corrente e profissionalizados na universidade. O exemplo mais explícito talvez seja Marco Aurélio Nogueira,<sup>8</sup> formado em Ciências Políticas e Sociais pela Escola de Sociologia e Política de São Paulo (1969-1972) e com doutorado em Ciência Política, na USP, sob orientação de Oliveiros Ferreira, com tese defendida em 1983, dentro da área temática do pensamento político brasileiro. Desde a graduação, sua trajetória acadêmica esteve vinculada à militância política, o que incluía a atuação em editoras e periódicos próximos ao partido.<sup>9</sup> Seu primeiro livro publicado intitula-se *PCB: vinte anos de política: documentos (1958-1979)*, e foi publicado pela Livraria Editora Ciências Humanas, em 1981 – editora esta que, segundo Maués (2013, p. 67) “desde o primeiro momento [...] se vinculava politicamente ao Partido Comunista Brasileiro”. Destaca-se, ainda, que o próprio Marco Aurélio Nogueira era um dos acionistas da editora.<sup>10</sup>

Outro exemplo da proximidade dos comunistas “renovadores” com o espaço universitário pode ser visto, também, no caso de Raimundo Santos, autoidentificado integrante da corrente

<sup>7</sup> Para evitar repetição, utilizo acadêmico e universitário como termos intercambiáveis. Não faço referência a “campo científico”, pois – concordando com Hey (2008) – acredito que a existência de um espaço cujas normas e princípios sejam majoritariamente guiados pelos parâmetros da ciência ainda é muito incipiente, no caso do Brasil – o que acontecia de forma ainda mais acentuada no período aqui estudado. Ao falar em acadêmico/universitário, o objetivo central é chamar a atenção para o principal meio a partir do qual tais agentes foram progressivamente passando a reivindicar autoridade e que passou a possibilitar o sustento material deles: a universidade. Com essa denominação, também busco me afastar da prática – por vezes corriqueira entre grupos marxistas – de condenar o vínculo à universidade, alegando-se que esta seria uma deturpação da correta/verdadeira teoria marxista, na medida em que implicaria a dissociação entre teoria e prática.

<sup>8</sup> Identificado por Santos (1994) como integrante da corrente, foi excluído do *locus* de investigação prioritário desta pesquisa por conta da falta de outras referências que reiterassem a identificação ao grupo nominado.

<sup>9</sup> O próprio Nogueira descreve essa proximidade entre militância política e vida acadêmica no período inicial da carreira, em depoimento autobiográfico disponível em seu sítio pessoal: <https://marcoanogueira.pro/revista-temas-e-editora-ciencias-humanas/> (acesso em: 12 mar. 2020).

<sup>10</sup> Maués (2013) aponta a seguinte divisão societária: Raul Mateos Castell, com 77% do capital; Marco Aurélio Nogueira, com 6,5%; e Martin César Feijó, Helladio Pastana e Fábio Correa Sampaio, com 5,5% cada um.

(Santos, 1994).<sup>11</sup> Santos fez sua graduação em direito, pela Universidade de Brasília (1964-1967), mestrado em Ciência Política, pela Faculdade Latino-Americana de Ciências Sociais (1976-1978) e doutorado em Ciência Política pela Universidade Nacional Autônoma do México (1978-1984). É, desde a década de 1980, professor da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ). Seu principal tema de pesquisa é também o pensamento político brasileiro, sendo o PCB o objeto de significativa parte dos seus escritos.

Esses exemplos poderiam ser ampliados. Cumprem aqui a função de demonstrar que os agentes englobados neste estudo sabidamente não correspondem à completude dos intelectuais universitários empenhados na chamada “renovação” do marxismo ou identificados com o chamado “eurocomunismo”. As considerações aqui estabelecidas sobre a relação entre os espaços político e intelectual, porém, extrapolam as idiosincrasias dos casos individuais, pois não estudamos indivíduos empíricos, mas indivíduos analiticamente construídos para possibilitar uma determinada reflexão (Bourdieu, 2017). Para a presente análise, focaremos naqueles agentes mais fortemente identificados pelo pertencimento à “corrente renovadora” e que migraram para a atuação profissional na universidade, adquirindo mais ou menos destaque no espaço universitário, a depender do caso. São eles: Carlos Nelson Coutinho, Leandro Konder, Luiz Werneck Vianna, Ivan de Otero Ribeiro e Antônio Carlos Peixoto (Quadro 1).

Desses cinco agentes, podemos afirmar que três deles vieram de famílias abastadas, detentoras de capital político e cultural relativamente alto. Suas configurações familiares conjugam um poder aquisitivo razoável com inserção política. O pai de Carlos Nelson Coutinho foi deputado pela União Democrática Nacional (UDN), conselheiro do Tribunal de Contas, além de ter publicado livros de poesia. Já Leandro Konder, é filho de um médico e conhecido dirigente comunista (Valério Konder), cuja família tinha forte inserção política em Santa Catarina. Luiz Werneck Vianna, por fim, é filho de um profissional liberal que, por certo tempo, foi também filiado ao PCB. Sua ascendência alta pode ser vista, também, pelo fato de ter estudado em escolas de elite.<sup>12</sup> O quarto deles – Ivan de Otero Ribeiro – é filho de Ivan Ramos Ribeiro, que militou no PCB desde a década de 1930, tendo participado do levante da Aliança Nacional Libertadora (ANL) e ocupado cargos na direção nacional do partido. Seu pai ocupou postos médios do Exército, mas a repressão ao PCB o obrigou a passar períodos na clandestinidade, tornando-se, por vezes, um militante profissional do partido. Seu pai cultivou amizades com intelectuais como Jorge Amado, que lhe dedicou um de seus livros (*Seara Vermelha*, de 1946) e publicou diversos textos no jornal comunista *Novos Rumos*, além de ter traduzido obras do universo comunista, tanto do russo quanto do francês, para o português. Também é significativo que seu avô tenha ocupado o posto de deputado federal, entre 1935 e 1937.

<sup>11</sup> Tal qual Marco Aurélio Nogueira, não está incluído no *locus* de investigação prioritário da pesquisa por conta da ausência de outras referências que reforcem sua identificação.

<sup>12</sup> Conferir entrevista concedida a Celso Castro e Lucia Lippi Oliveira (Vianna, 2005).

Quadro 1. "Renovadores" universitários – caracterização familiar e acadêmica.

| Nome, local e data de nascimento                      | Caracterização familiar  | Formação acadêmica  | Titulação   | Orientador                       |
|---|--|---|---|----------------------------------|
| Carlos Nelson Coutinho, Bahia, 1943-2012.             | Pai advogado, poeta (com livros publicados), deputado pela UDN.  | Direito (não concluída); Filosofia pela Universidade Federal da Bahia (UFBA; 1965).                               | Não fez mestrado ou doutorado; livre-docência em Política Social pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ; 1988).  | Defendeu tese de livre-docência. |
| Leandro Konder, Rio de Janeiro, 1935-2014.            | Família tradicional em Santa Catarina, com destaque na vida política; O pai, Valério Konder, foi dirigente do PCB e médico; integrou a ANL (Konder, 2008).   | Direito pela UFRJ (1954-1959).  | Não fez mestrado; Doutorado em Filosofia pela UFRJ (1983-1987).   | Gerd Antonio Bornheim.           |
| Luiz Werneck Vianna, Rio de Janeiro, 1938-2024.       | Pai profissão liberal, filiado ao PCB durante certo período; família abastada (Vianna estudou em colégios particulares, como Santo Inácio, Andrews, Anglo-Americano, e na instituição federal Colégio Pedro II). <sup>13</sup> | Direito pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ; 1958-1962) e Ciências Sociais pela UFRJ (1964-1967). | Mestrado incompleto em Ciência Política pelo Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro (IUPERJ; 1969-1970), doutorado em Sociologia pela USP (1973-1976, bolsa Fapesp); pós-doc em instituição na Itália (1984). | Francisco Weffort.               |
| Ivan de Otero Ribeiro, Rio de Janeiro (?), 1936-1987. | Filho de Ivan Ramos Ribeiro (tenente do Exército e "comunista histórico" <sup>14</sup> ); o avô paterno foi deputado federal pelo Amazonas (1935-1937). <sup>15</sup>  | Sociologia pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). <sup>16</sup>  | Doutorado em Economia pela Escola de Planificação e Estatística de Varsóvia (Polônia) – sem informações de instituição, orientação e tema. Mas sabe-se que a ida para a Polônia foi antes do golpe de 1964.                   | -                                |
| Antônio Carlos Peixoto, Rio de Janeiro, 1940-2012.    | -  | Graduado em História pela Universidade do Brasil (1964).  | Mestrado em Ciência Política, pela University of Essex (1974); doutorado em Ciência Política pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS; 2005).  | Christian Anglade (mestrado).    |

Elaborada pelo autor com base na plataforma Lattes.

Para apenas um dos agentes (Antônio Carlos Peixoto) não foi possível encontrar informações para esboçarmos uma caracterização familiar, o que nos permite sustentar o

<sup>13</sup> Keinert (2011) aponta que o colégio Santo Inácio era um dos preferidos pelas elites cariocas tradicionais do período, que normalmente eram imbuídas dos valores cristãos. Já o Andrews e o Pedro II, costumavam ser escolha das famílias da "classe média alta de zona sul" (p. 132) e proferiam um ensino mais apartado da religião.

<sup>14</sup> Informações disponíveis na entrevista concedida pelo seu irmão, Sérgio de Otero Ribeiro, disponível em: <https://www2.camara.leg.br/a-camara/documentos-e-pesquisa/arquivo/depoimentos/constituente-87-88/entrevistas/E023.pdf> (acesso em: 16 mar. 2010).

<sup>15</sup> Informações sobre Ivan Ramos Ribeiro disponíveis no verbete do acervo do Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil da Fundação Getúlio Vargas (Ivan, c2009).

<sup>16</sup> Simon Schwartzman comenta ter militado com ele na UFMG, em 1961. Ver depoimento disponível em: <https://www.schwartzman.org.br/sitesimon/?p=3752> (acesso em: 21 out. 2024).



argumento de que o agente em questão tenha ocupado posições relativamente mais dominadas, desfrutando de prestígio e reconhecimento mais escasso que os demais.

A forma mais acentuada de como a configuração familiar e militância no PCB possibilitou uma inserção precoce no espaço intelectual é o caso de Leandro Konder. Filho do médico e "comunista histórico" Valério Konder, Leandro estreia na revista *Estudos Sociais* em outubro de 1960, aos 25 anos, com o artigo "Sartre, suas contradições formais e seus méritos". Nessa mesma edição foi também publicado, entre outros, um artigo de Jacob Gorender e uma tradução de Paul A. Baran. Além desse, Leandro publica mais artigos e diversas resenhas. A *Estudos Sociais* foi uma revista teórica do PCB, que circulou entre 1958 e 1964, e publicou textos de vários intelectuais ligados ao partido – entre eles, alguns que adquiriram um reconhecimento considerável, como Josué de Castro. Pode-se destacar ainda outro evento na trajetória de Leandro Konder que denota a importância da sua condição de "herdeiro": o seu contato com G. Lukács. Em decorrência dos contatos internacionais de seu pai, Leandro tem acesso ao endereço de Lukács e inicia – juntamente com Carlos Nelson Coutinho – uma troca de correspondência com ele, entre 1963 e 1970 – posteriormente publicada (2002). O contato direto com o marxista húngaro contribuiu para que ele pudesse organizar uma coletânea com seus textos. Dessa forma, Leandro angaria prestígio e autoridade decorrente do reconhecimento como um dos principais intérpretes de Lukács no Brasil.

A partir desses dados podemos afirmar que, na maior parte dos casos englobados, percebe-se de forma bastante acentuada a importância da configuração familiar – pela socialização política e intelectual precoce, pela concessão dos meios de atuação intelectual e/ou por possibilitar as condições materiais de exercício intelectual e político – em especial, tempo livre.

Quanto à formação acadêmica desses agentes na graduação, percebe-se que três deles passaram pelo curso de Direito (um deles, Carlos Nelson Coutinho, não se formou), destes, dois fizeram outra graduação (Filosofia, no caso de Coutinho, e Ciências Sociais, no caso de Luiz Werneck Vianna). Dois deles chegaram a atuar como advogados: Luiz Werneck Vianna e Leandro Konder. Ambos entram na advocacia profissional por intermédio de familiares e logo passam a exercer o ofício de forma bastante politizada: Vianna (2013), advogando para presos políticos no início do regime militar; Konder (2008), como advogado sindical. Quanto aos outros dois, um formou-se em Sociologia pela UFMG, e o outro em História pela Universidade do Brasil (no Rio de Janeiro). Todos os cinco formaram-se entre fins da década de 1950 e início da década de 1960.

Não é fortuito que os três primeiros (justamente os que vêm de famílias mais abastadas e que angariaram maior prestígio no espaço acadêmico) tenham se dirigido, primeiramente, para o curso de Direito, enquanto Ivan Ribeiro cursa o bacharelado em Sociologia e Política da UFMG e Antônio Carlos Peixoto gradua-se em História pela então Universidade do Brasil. É sabido que o Direito, ao lado da Medicina e Engenharia, formam, no Brasil, as chamadas "profissões

imperiais” – que, a despeito do advento da república, permaneceram como o destino mais provável das famílias de elite.<sup>17</sup>

O curso da UFMG, porém, existia em condições atípicas, exercendo uma maior atração e com um maior prestígio que os demais cursos não pertencentes à tríade das “profissões imperiais”. Dispunha de bolsas para os melhores alunos do curso, e Ivan Ribeiro era um dos alunos contemplados (Kluger, 2017). A concessão de bolsas gerava uma hierarquia entre os alunos, em que os contemplados formavam a “elite” destinada a integrar o quadro de professores da instituição (Keinert; Silva, 2010). Mas, na impossibilidade de todos esses profissionais serem incorporado no mercado de Minas Gerais, muitos migraram para outros locais, com destaque para o Rio de Janeiro (Keinert; Silva, 2010). Ivan Ribeiro foi um deles. Cabe destacar, também, que o recrutamento desses estudantes era diverso, abarcando alunos de classes distintas – inclusive das mais abastadas. Era um espaço de convívio intenso, em que os alunos bolsistas eram obrigados a cumprir metas diárias de estudo na universidade. Desse grupo saíram pessoas que obtiveram significativo reconhecimento na militância política – como Vinicius Caldeira Brant e Herbert José de Souza (Betinho) – e, também, intelectuais que vieram a integrar a elite das ciências sociais brasileiras – como Fábio Wanderley Reis e José Murilo de Carvalho, entre outros. Tais estudantes viveram uma conjuntura de intensa politização, em que suas militâncias dividiam-se, basicamente, entre a Organização Revolucionária Marxista – Política Operária (POLOP) e a Juventude Universitária Católica (JUC)/Ação Popular (AP) (Kluger, 2017).<sup>18</sup> Ivan Ribeiro, como militante do PCB, constituía-se como uma exceção.

A prevalência da escolha pela graduação em Direito, portanto, pode ser explicada, pelo menos parcialmente, pela configuração familiar de elite e significativamente politizada.

Como todos os agentes incluídos no *corpus* analisados tornaram-se acadêmicos profissionais, os “destinos” na pós-graduação ganham destaque. Três deles não fizeram mestrado, para um deles não temos informação sobre a realização do mestrado,<sup>19</sup> e há ainda um agente que concluiu o mestrado em Ciência Política pela University of Essex, em 1974 –

<sup>17</sup> Em Vargas (2010) pode-se ver uma análise que demonstra empiricamente que tais cursos mantêm-se com um prestígio elevado.

<sup>18</sup> Além do tópico da tese de Elisa Kluger (2017) e do trabalho de Keinert e Silva (2010), informações sobre o curso de Sociologia e Política da FACE-UFMG podem ser vistas em Reis (2016), entre outros.

<sup>19</sup> É o caso de Ivan de Otero Ribeiro. Temos, ademais, informações sobre a realização do doutorado em economia, na Polônia, mas não sabemos o período, o tema ou o orientador. Como é amplamente discutido em estudos prosopográficos, a ausência de informação é também um dado possível de análise pelo pesquisador. Podemos concluir, a partir desse dado, que a displicência daqueles que registraram informações sobre sua vida decorre justamente de um maior distanciamento seu em relação ao universo acadêmico, que resulta em um entendimento, por seus pares, de que tais informações seriam dispensáveis para traçar a sua biografia. Não parece casual, portanto, que a despeito da ausência dessas informações, saibamos que Ribeiro trabalhou como economista da Organização das Nações Unidas (ONU) no período em que esteve exilado em Roma e que ele tenha trabalhado como assessor do ministro Marcos Freire no Ministério de Reforma Agrária e do Desenvolvimento Agrário. Sobre Ivan de Otero Ribeiro, foram consultados: um capítulo dedicado a ele, escrito por Raimundo Santos (2007); o sítio da UFRRJ, em que há um Centro de Documentação que leva seu nome, e a apresentação do livro de Ribeiro (1988).

momento de intensa repressão do regime militar e justamente no ano que marcou a brutal intensificação da repressão contra os comunistas no Brasil.

A análise conjunta dessas trajetórias nos mostra que não há uma ligação óbvia entre graduação e pós-graduação, seja em termos institucionais ou disciplinares. Ou seja, no caso desses agentes, a área do curso de formação não é um fator de restrição para o leque de possibilidades referente à área da pós-graduação.

Também é digno de destaque o fato de pelo menos três deles (visto que, como mencionado, não temos informação para um dos agentes) terem tido a possibilidade de dispensar o mestrado para seguir carreira acadêmica. E que não há um "destino" universitário comum: Carlos Nelson Coutinho não fez mestrado ou doutorado, sendo aprovado em concurso para o Departamento de Política Social da Escola de Serviço Social da UFRJ, em 1986; Leandro Konder doutorou-se em Filosofia, pela UFRJ, em 1987; Luiz Werneck Vianna concluiu o doutorado em Sociologia, na USP, em 1976; enquanto Ivan de Otero Ribeiro doutorou-se em Economia, na Polônia; e Antônio Carlos Peixoto fez o doutorado apenas nos anos 2000, em Ciência Política. O mesmo vale para o vínculo institucional prioritário: enquanto Coutinho afirma-se na UFRJ, Konder o faz na Universidade Federal Fluminense (UFF), Vianna no IUPERJ; Ribeiro na UFRRJ e Peixoto na UERJ.

É sabido que a posição do orientador tem uma influência direta no desenrolar da carreira acadêmica de seus orientandos, e o próprio reconhecimento dos orientadores também não está deslocado do perfil e das trajetórias dos seus orientandos – como demonstrado por Bourdieu para o campo acadêmico francês (Bourdieu, 2017). Entre esses cinco agentes, porém, a postura mais recorrente foi de distanciamento em relação à figura do orientador. De um lado, há Carlos Nelson Coutinho, que nem mesmo teve orientador, visto que não passou pelas etapas convencionais da vida acadêmica (o que reforça a sua identificação com o autodidatismo); já Leandro Konder cita em suas memórias que iniciou o doutorado sendo orientado por Olinto Pegoraro, mudando posteriormente para a orientação de Gerd Bornheim – cujas áreas de especialidade centram-se na estética e teatro,<sup>20</sup> temas que, por mais que sejam caros a Leandro Konder, distanciam-se da investigação de sua tese, que tem foco a história das ideias marxistas no Brasil dos anos 1930. Para Ivan de Otero Ribeiro, não temos informação sobre a orientação de doutorado (o que, frisa-se, já é um dado relevante, que demonstra a pouca relevância do nome do orientador para os que registraram sua biografia). E, no caso de Antônio Carlos Peixoto, sabe-se que seu orientador do mestrado<sup>21</sup> foi Christian Anglade, que é um pesquisador britânico com estudos publicados sobre a economia latino-americana.

<sup>20</sup> Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa3542/gerd-bornheim> (acesso em: 21 out. 2024).

<sup>21</sup> Contamos, neste caso, apenas o mestrado pelo fato de o doutorado ter sido feito muito posteriormente, em momento que extrapola o escopo temporal do presente trabalho.

Apenas um deles – Luiz Werneck Vianna – manteve uma relação mais próxima com seu orientador, Francisco Weffort. A despeito de não reproduzir as posições do seu orientador e até mesmo distanciar-se das suas conclusões, a importância de Francisco Weffort e dos espaços institucionais criados por ele é bastante acentuada – e, inclusive, ressaltada pelo próprio Vianna em várias de suas entrevistas. Tal proximidade pode ser vista pela afinidade temática entre a sua tese de doutorado e um dos temas a que seu orientador se dedicou (o sindicalismo). Mas também pode ser vista pela participação em instituições de pesquisa que seu orientador também participava/coordenava – casos do Centro Brasileiro de Análise e Planejamento (Cebrap) e do Centro de Estudos da Cultura Contemporânea (Cedec).

Analisados em conjunto, esses fatores podem ser vistos como indicativos de que a formação intelectual dos agentes tem uma significativa autonomia em relação à instituição universitária, diferenciando-os do conjunto das elites que se afirmavam à época, cuja formação e reconhecimento intelectual decorriam principalmente (mas não exclusivamente) do percurso percorrido na universidade (em especial, o doutorado em instituição de prestígio internacional).

### As produções intelectuais

O quadro 2 nos permite uma primeira apreensão dos temas prioritários, do principal vínculo disciplinar, e de dois eventos importantes em suas trajetórias acadêmicas (defesa da tese e publicação do primeiro livro).

A prática intelectual dos marxistas brasileiros é fortemente marcada pelo exercício da exegese dos textos inseridos nos cânones do marxismo (Rodrigues, 2019). Apenas uma das teses, porém, centra-se mais diretamente nessa prática (a de Coutinho). Mas nem por isso a exegese deixa de ser comum ao conjunto dos agentes: Leandro Konder comentou diversos autores e trabalhos vinculados à tradição marxista; Luiz Werneck Vianna também produziu trabalhos na área de “pensamento político e social”; Antônio Carlos Peixoto tem o “pensamento político” como uma das suas principais áreas de atuação; já Ivan de Otero Ribeiro parece se distanciar mais de tal prática – o que possivelmente tem relação com sua maior identificação como economista.

Percebe-se, logo, que há uma afinidade entre esses agentes e a área conhecida como “pensamento político e social brasileiro”, tal qual acontece com os marxistas brasileiros (Rodrigues, 2016)<sup>22</sup>. Isso por conta da existência de características valorizadas tanto entre os autoidentificados marxistas quanto àqueles identificados como pesquisadores da área, como a já citada prática da exegese de textos – exigida tanto na militância intelectual deles quanto nas

<sup>22</sup> Corrobora este argumento a trajetória de Gildo Marçal Brandão. Após intensa militância no PCB, Brandão também entrou tardiamente na universidade, despontando como um dos principais pesquisadores na área do pensamento político brasileiro. Uma apreciação de suas contribuições para o pensamento político brasileiro pode ser vista na tese de George Coutinho (2018).



pesquisas sobre o tema. Sua organização a partir da identificação com determinado(s) autor(es) também pode ser considerada como outro elemento de afinidade entre eles (Rodrigues, 2016). Mas, como demonstra a coluna sobre os principais temas de atuação, a maior parte dos agentes englobados neste estudo não se limitou ao “pensamento político”, atuando em mais de uma vertente.

Quadro 2. “Renovadores” universitários – produções intelectuais.

| Nome                                 | Título e ano de defesa da tese/dissertação              | Principais temas de atuação                                 | Primeiro livro publicado  | Vínculo disciplinar prioritário |
|--------------------------------------|---|---|---|---------------------------------|
| Carlos Nelson Coutinho               | Gramsci: um estudo sobre seu pensamento político (1988) | Pensamento de A. Gramsci; marxismo.                         | <i>Literatura e humanismo</i> (Paz e Terra, 1967)                             | Filosofia                       |
| Leandro Konder                       | A derrota da dialética (1987)                           | Marxismo; marxismo no Brasil; dialética.                    | <i>Marxismo e alienação</i> (Civilização Brasileira, 1965)                    | Filosofia                       |
| Luiz Werneck Vianna                  | Liberalismo e sindicato no Brasil (1976)                | Sindicalismo; modernização; intelectuais.                   | <i>Liberalismo e sindicato no Brasil</i> (Paz e Terra, 1976)                  | Ciência Política; Sociologia    |
| Ivan de Otero Ribeiro                | Sem informação  | Questões agrárias   | <i>Agricultura, democracia e socialismo</i> (Paz e Terra, 1988) <sup>23</sup> | Economia                        |
| Antônio Carlos Peixoto <sup>24</sup> | Revolução de 1930 e a modernização do Brasil (1974).    | Relações internacionais; modernização; pensamento político. | –   | Ciência Política                |

Elaborada pelo autor com base na plataforma Lattes.

Percebe-se, logo, que há uma afinidade entre esses agentes e a área conhecida como “pensamento político e social brasileiro”, tal qual acontece com os marxistas brasileiros (Rodrigues, 2016)<sup>25</sup>. Isso por conta da existência de características valorizadas tanto entre os autoidentificados marxistas quanto àqueles identificados como pesquisadores da área, como a já citada prática da exegese de textos – exigida tanto na militância intelectual deles quanto nas pesquisas sobre o tema. Sua organização a partir da identificação com determinado(s) autor(es) também pode ser considerada como outro elemento de afinidade entre eles (Rodrigues, 2016). Mas, como demonstra a coluna sobre os principais temas de atuação, a maior parte dos agentes englobados neste estudo não se limitou ao “pensamento político”, atuando em mais de uma vertente.

De todo modo, uma primeira apreciação dos temas das produções desses agentes reitera o que já era esperado: a continuidade à prática da exegese de textos e a proximidade ao

<sup>23</sup> Publicação póstuma. Coletânea organizada por Carlos Nelson Coutinho e Maria Beatriz de Albuquerque.

<sup>24</sup> Apesar de constar na descrição de seu currículo lattes que ele “Possui artigos e capítulos de livros publicados no Brasil e no exterior”, não consta a especificação de nenhum livro. Uma consulta ao sítio da Estante Virtual possibilitou assegurar que ele de fato tem livros publicados, mas não dentro do período englobado nesta pesquisa.

<sup>25</sup> Corroborar este argumento a trajetória de Gildo Marçal Brandão. Após intensa militância no PCB, Brandão também entrou tardiamente na universidade, despontando como um dos principais pesquisadores na área do pensamento político brasileiro. Uma apreciação de suas contribuições para o pensamento político brasileiro pode ser vista na tese de George Coutinho (2018).

“pensamento político e social brasileiro”. A identificação com o marxismo também é explícita, mas, cabe frisar, ela é feita mediante a incorporação de outros autores da tradição marxista (Gramsci, em especial), a reivindicação do caráter científico das produções e a busca por distanciamento, por meio da “renovação”, daquilo que seria um marxismo “dogmático”, “engessado”.<sup>26</sup>

Também já era esperada (dada a mencionada afinidade com a área do “pensamento político e social brasileiro”) a dificuldade de traçar claramente o vínculo disciplinar dos agentes – o que destoa do padrão dos agentes que passaram a ocupar posições dominantes nas ciências sociais do período, mas é um traço comum em relação aos marxistas universitários (Rodrigues, 2019). Tanto Carlos Nelson Coutinho quanto Leandro Konder são fortemente identificados com a Filosofia, mas, em ambos, essa identificação torna-se mais nebulosa quando levamos em conta seus vínculos institucionais na universidade – Serviço Social, no caso de Coutinho, e História, no caso de Konder. Luiz Werneck Vianna, por mais que gradativamente tenha se aproximado da Sociologia, também teve passagens pela Ciência Política. Ivan de Otero Ribeiro, economista com bacharelado em Ciências Sociais, vinculava-se a um programa de pós-graduação em “desenvolvimento agrário”. Antônio Carlos Peixoto, por fim, tinha um vínculo mais próximo à Ciência Política/Relações Internacionais, mas com atuação prioritária na área do “pensamento político”. Esse fato reitera a percepção já assinalada de que a produção intelectual desses agentes, apesar do inegável vínculo acadêmico/universitário, não estava completamente subordinada aos ditames deste espaço.<sup>27</sup>

Apesar dos diferentes matizes, todos eles operam uma revisão da história do Brasil e da história do PCB. Isso não deixa de ser um modo de tomar posição diante das disputas políticas mas é, também, uma forma de angariar prestígio intelectual. Isso se dá, pois, até a década de 1970, pelo menos, quando as “interpretações do Brasil” e o ensaísmo eram gêneros de trabalho intelectual ainda valorizados no meio acadêmico (Keinert, 2011; Vianna, 1997).

A valorização dessa revisão da história do Brasil fica explícita na apresentação do livro de Ivan de Otero Ribeiro (1988), escrita por Carlos Nelson Coutinho, Maria Beatriz de Albuquerque David<sup>28</sup> e Leandro Konder, em que destacam que Ribeiro havia construído uma “nova visão do Brasil”, baseada na “compreensão do Brasil como um país moderno, plenamente capitalista, que carecia de democracia justamente por ser moderno e capitalista, e não por ser arcaico e

<sup>26</sup> Essa oposição entre um marxismo dogmático e um marxismo renovado é bastante visível na entrevista concedida por Marco Aurélio Nogueira – agente que, apesar de não estar inserido no escopo desta pesquisa, também era identificado como um intelectual comunista “renovador”. Diz Nogueira: “Minha militância sempre foi muito intelectual, em torno da ideia de um marxismo flexível, um marxismo que não fosse dogmático, que não fosse fechado em si. Que dialogasse com outras correntes teóricas e as incorporasse. Um marxismo renovado, não dogmático, sempre foi o eixo em torno do qual eu me situei, mesmo quando passei a ter funções e atividades partidárias” (Nogueira *apud* Silva, 2021b, p. 343).

<sup>27</sup> Essa característica também já foi destacada por Rodrigues em suas análises envolvendo marxistas brasileiros, resultando no que a autora chamou de “agente cindido” (Rodrigues, 2019, p. 152).

<sup>28</sup> Os dois são também os organizadores da obra publicada postumamente.

‘semifeudal’” (Ribeiro, 1988, p. 11). Os autores da apresentação do livro também destacam o valor científico dos textos selecionados e o pioneirismo de Ivan Ribeiro no uso da categoria de “via prussiana”. Os três ainda destacam a “particular estima” (p. 10) do autor por Gramsci.

Já Carlos Nelson Coutinho, em uma de suas intervenções, é explícito quanto ao objetivo de “abandonar essa visão da realidade brasileira como a de um país atrasado, semicolonial, ainda carente de uma revolução de libertação nacional” (Coutinho, 1986, p. 61). Em seu um polêmico ensaio “A democracia como valor universal” (1979), Coutinho caracteriza o processo de modernização política brasileira como acontecendo por meio da “via prussiana”, ou seja, como transformações “pelo alto” (Coutinho, 1979, p. 41). Esse fenômeno, afirma Coutinho, deveria ser combatido pelas “forças populares” a partir de métodos que não reproduzissem os seus princípios, como o “golpismo” – e, inclusive, o “golpismo de esquerda” que caracterizou parte das “forças populares” (Coutinho, 1979, p. 45). A crítica ao PCB, que aparece de forma relativamente sutil nesse texto de 1979, foi ficando mais direta e explícita nos anos posteriores.<sup>29</sup>

Amparando-se fortemente na categoria de “via prussiana”, Werneck Vianna também critica essa visão quando analisa o processo de modernização do Brasil, demonstrando, entre outros elementos, que mesmo a parte rural do país não estava alheia ao capitalismo, pois a modernização brasileira aconteceu atrelada à grande propriedade rural (Vianna, 1976). Com essa tese, Vianna afirmava-se como precursor no uso dos conceitos de Gramsci para construir interpretações sobre a realidade brasileira (Bianchi, 2016). Mas, segundo Bianchi (2016), tanto no caso de Werneck Vianna quanto no de Coutinho, o conceito de “via prussiana” era mobilizado de forma frouxa, com significado semelhante ao de revolução passiva, significando, resumidamente, que as elites agrárias e o Estado foram os atores centrais na modernização brasileira. Com o tempo, os dois autores passaram a usar esses conceitos de forma mais rebuscada, distinguindo-os – o que não impediu que eles discordassem em relação ao seu uso (Bianchi, 2016).

Na esteira de Coutinho, outro autor que mobiliza fartamente o conceito de via prussiana é Leandro Konder. Entendendo-a como sinônimo de “modernização conservadora”, caracteriza-a como um processo em que há a proeminência do Estado, acontece de cima a baixo e tem como função evitar que venha a acontecer uma revolução (Konder, 1980).<sup>30</sup> A releitura da história do PCB também é explícita em sua tese de doutorado, em que ele vai apontar uma série de falhas na recepção/apropriação do marxismo, denunciando o stalinismo e o positivismo subjacente (Konder, 1988).

<sup>29</sup> Como demonstrado em Silva (2022b), a circulação desse ensaio foi acompanhada de mudanças/incrementos em seu significado, em boa parte por conta de esforços do seu autor, que buscou autá-lo e reeditá-lo.

<sup>30</sup> O autor dedica ainda uma nota de rodapé para citar autores que vinham, à época, estudando os modos que a “via prussiana” assumiu no Brasil. Ele cita: Carlos Nelson Coutinho, Luiz Werneck Vianna, Ivan de Otero Ribeiro e José Chasin.

No livro *A democracia e os comunistas no Brasil* (1980), Konder busca demonstrar quais os momentos de maior aproximação e de maior distanciamento dos comunistas brasileiros em relação à “democracia como valor universal”, ecoando diretamente a problemática posta por Coutinho (1979) em seu famoso e polêmico ensaio, publicado um ano antes. Werneck Vianna (1989), em ensaio sobre o PCB, também retoma aspectos da argumentação dos outros dois autores. Os três posicionavam-se, em suas análises, contrários à luta armada. Cumpre frisar que essas leituras sobre o Brasil/PCB situam-se no meio do caminho entre o universo acadêmico e o político, o que pode ser visto em razão de o ensaio de Vianna ter sido primeiramente publicado em uma revista vinculada ao Iuperj, de um dos estudos de Konder ter sido sua tese de doutorado e pelo modo como aconteceu a circulação do ensaio de Coutinho.

Além do mais, elas mesclam elementos factuais com elementos memorialísticos, o que é acentuado pelo fato de terem sido feitas por pessoas engajadas em disputas envolvendo o próprio “objeto” de apreciação das análises e que, como tal, vivenciavam e eram parte desse “objeto”. Em constante disputa, a definição dessa história tem um papel de legitimar certas posições, ao mesmo tempo que deslegitima outras e traça linhas de identificação entre determinados atores políticos. Tomando como exemplo o Partido Comunista Francês, diz Pollak (1992):

Cada vez que ocorre uma reorganização interna, a cada reorientação ideológica importante, reescrevera-se a história do partido e a história geral. Tais momentos não ocorrem à toa, são objeto de investimentos extremamente custosos em termos políticos e em termos de coerência, de unidade, e portanto de identidade da organização. Como sabemos, é nesses momentos que ocorrem as cisões e a criação, sobre um fundo heterogêneo de memória, ou de fidelidade à memória antiga, de novos agrupamentos (Pollak, 1992, p. 7).

Isso é feito por um processo que Pollak (1992) chamou de “enquadramento da memória”, em que, geralmente, elegem-se certos eventos como alvos privilegiados para as disputas pelo enquadramento. A vida de Armênio Guedes é, claramente, um desses eventos, sendo contada de modo a justificar e valorizar as posições defendidas pela “corrente renovadora”.<sup>31</sup> A Declaração de Março de 1958 é, também, um desses eventos.<sup>32</sup> Enquanto os “renovadores” passaram a ler esse documento como um marco na “desestalinização” do partido e da sua abertura para a questão democrática, Anita Prestes<sup>33</sup> passou a vê-lo como dotado de posições “reformistas”,

<sup>31</sup> Não à toa, militantes identificados com esses intelectuais puseram-se a escrever sobre a sua vida, como é o caso de Mauro Malin (2018) e Raimundo Santos (2012).

<sup>32</sup> A criação do Partido Comunista do Brasil (PCdoB), em 1961, teve relação direta com os desdobramentos envolvendo esse documento. Até hoje é possível encontrar posições de atores políticos defendendo que tal documento iniciou a “capitulação” do PCB diante da democracia burguesa.

<sup>33</sup> Historiadora e filha de Luís Carlos Prestes, Anita pode ser considerada como a herdeira simbólica do “prestismo” e a responsável por organizar e valorizar o seu “legado”. Além dos textos de intervenção diretamente política, ela possui vários livros em que narra a

justificando o apoio de Prestes ao documento como “concessões” necessárias a “preservar a unidade partidária” (Prestes, 2019). Vianna (1989), por exemplo, afirma que a declaração consagra uma visão linear, mecanicista e dualista da realidade brasileira, mas traz o elemento positivo de “valorização, não sem ambiguidade, das instituições democráticas formais [...], conquista política que permitiu, mais tarde, enfrentar os anos ditatoriais isento de devaneios militaristas” (Vianna, 1989, p. 147).

Cabe destacar, porém, que a releitura operada por esses agentes traz grandes semelhanças em relação à memória oficial do PCB, que foi construída no período da publicação das obras aqui analisadas. Segundo Pandolfi (1995):

Considerado como o documento de refundação do partido, a Declaração de Março de 1958 é a principal referência na memória oficial do PCB na década de 80 e início dos 90 [...]. O seu maior mérito teria sido o de fazer da questão democrática o centro da reflexão dos pecebistas [...]. Adotando uma nova concepção de revolução, [...] o PCB, segundo a memória dos anos 80 e 90, teria rompido com o seu passado ‘golpista’. O PCB era outro, pois encontrara finalmente ‘a democracia’ (Pandolfi, 1995, p. 184).

Além da vida de Armênio e da Declaração de Março de 1958, outros eventos podem ser destacados, como a postura do PCB no período imediatamente anterior ao golpe civil-militar de 1964, em que é destacada – e denunciada – uma certa “raiz golpista” (Vianna, 1989, p. 150) como uma das causas do golpe de 1964. A Resolução do VI Congresso de 1967, que é vista como reiterando a linha da Declaração de Março de 1958, negando a “pressão do ‘esquerdismo”” (Konder, 1980, p. 117) e explicitando a necessidade de construir a “coalizão antirregime” mais ampla possível. Na mesma linha, é apreendida a Declaração da Guanabara, de 1970 (em que, mais uma vez, a presença de Armênio Guedes é destacada), vista como “um verdadeiro renascimento da questão democrática na prática dos militantes do PCB” (Vianna, 1989, p. 155).

Apesar das distintas ênfases dadas por parte de cada autor, pode-se destacar como pontos comuns: 1) a crítica a determinada leitura da história do Brasil, com o argumento de que a implantação do capitalismo, apesar da manutenção de certos “atrasos”, não significava a conformação de um país “semifeudal”; 2) a releitura da história do PCB, valorizando os momentos em que este esteve mais próximo à defesa da “democracia” – entendendo-se por isso a distância ao viés golpista e insurrecional; e 3) a identificação a certas referências comuns – em especial, Gramsci e a categoria de “via prussiana”.

Fica explícito, nessas análises, que a crítica que esses intelectuais faziam ao modo como o PCB interpretava o Brasil era também uma crítica à subordinação das análises às realizadas pelo

---

história do comunismo no Brasil (um deles, autobiográfico), em um claro exercício de dar continuidade, por meio de uma “batalha da memória”, às disputas internas ao PCB travadas pela “corrente prestista”. Ver, entre outros, Prestes (2012, 2019).

Partido Comunista da União Soviética (PCUS). Essa apropriação do marxismo é decorrente de, pelo menos, dois fenômenos correlatos. Primeiramente, a tentativa de existir no meio intelectual a partir da diferenciação daquilo que seria um marxismo vulgar, engessado, sem valor científico – muito presente no universo intelectual das décadas de 1950 e 1960 (Pécaut, 1990) e contra o qual os marxistas universitários vão se afirmar.<sup>34</sup>

Em segundo lugar, a incorporação do chamado “eurocomunismo”, que pode ser caracterizado, entre outros elementos, pela valorização e defesa da “democracia como valor universal” e das instituições democráticas formais.<sup>35</sup> Vivenciando o ocaso da ditadura militar brasileira, entre fins da década de 1970 e meados da década seguinte, essa posição era, ao mesmo tempo, uma tomada de posição nas disputas sobre os rumos do movimento comunista internacional e sobre as transformações na política brasileira. O “eurocomunismo” também levava à maior valorização de outros autores (Gramsci, como já mencionado), a partir dos quais se fundamentava a crítica às práticas consideradas como antidemocráticas (fossem elas do Estado, do partido comunista soviético ou brasileiro) e os esforços de “renovação” do marxismo.

Destaco, por fim, que o eurocomunismo pressupunha uma não generalização da experiência soviética, que advinha paralelamente da valorização das experiências e especificidades regionais. Esta última característica acabava por implicar a valorização dos intelectuais, pois eram esses os atores considerados aptos a interpretar essas especificidades e a traçar novas táticas de ação política, restringindo a validade das formulações produzidas na União Soviética (URSS) para os demais países.

Apesar desses intelectuais terem em comum a crítica à leitura que o PCB fazia do Brasil, bem como a incorporação de Gramsci e o uso da categoria de “via prussiana”, isso não quer dizer que eles concordem integralmente quanto ao teor da crítica, quanto ao modo de interpretar as contribuições do marxista italiano ou de utilização dos conceitos importados. Menos do que demonstrar em quais pontos eles discordam, o objetivo, neste momento, é demonstrar o que possibilitou que eles entrassem em desacordo. Frisa-se, assim, que essa possibilidade de acordo/desacordo só existe por conta de aproximações em suas trajetórias, o que inclui a participação em espaços institucionais comuns.<sup>36</sup>

---

<sup>34</sup> A famosa experiência do “Seminário Marx”, surgida na década de 1950, é um marco da entrada do marxismo na universidade brasileira e também traz, como característica, essa busca de diferenciação do “marxismo vulgar” aliada a tentativas de construir uma nova interpretação do Brasil. Ver, entre outros, Marcelino (2017) e Rodrigues (2011).

<sup>35</sup> A definição de eurocomunismo é bem mais complexa e envolve debates e disputas que não são possíveis de sumarizar sem incorrer em excessivas simplificações. Ver, entre outros, Mondaini (2006).

<sup>36</sup> Como forma de ilustração, cito a participação na “Assessoria do Comitê Central”, no exílio, de Carlos Nelson Coutinho, Leandro Konder, Ivan de Otero Ribeiro e Antônio Carlos Peixoto. Vianna, que não esteve no exílio europeu durante a ditadura militar, não participara da assessoria, mas participou de um curso para formação de quadros, na URSS, em 1974, juntamente com integrantes da Assessoria (Prestes, 2019), além de ter participado da banca de doutorado de Leandro Konder (em 1987) e da banca de livre-docência de Carlos Nelson Coutinho (em 1988).

## Política, universidade e circulação internacional – o capital militante e as possibilidades de reconversão

### O capital militante e as possibilidades de reconversão

Cabe retomar que a militância partidária desses agentes teve como principal distintivo, conforme identificado pelos próprios agentes e por seus pares, o exercício do embate intelectual – o que incluía intervenções orais e escritas, participação em grupos de estudo sobre Karl Marx, participação em comitês editoriais de periódicos etc. Não é casual, portanto, que quatro dos cinco militantes aqui analisados tenham participado do Comitê de Redação do jornal *Voz Operária* durante o exílio. A exceção cabe a Luiz Werneck Vianna que, diferentemente dos demais, não esteve na “base de Paris” – mas o PCB não deixou de ser, para ele, uma importante instância de atuação e provocação intelectual, tendo ele mesmo participado ativamente de outras iniciativas editoriais ligadas ao partido, em que podemos destacar o jornal *Voz da Unidade*. O quadro 3 nos traz algumas informações importantes para analisarmos a imbricação entre suas trajetórias política e universitária.

Percebe-se, com esses dados, a importância do capital militante ao longo dessas trajetórias, que é um tipo de capital cuja conversão para outros espaços é relativamente fácil. Enquanto o capital político está ligado à capacidade de um agente de se afirmar legitimamente como representante de um grupo (Bourdieu, 2011), o capital militante vincula-se a um conjunto de conhecimentos e trunfos adquiridos no campo político, mas que também são valorizados fora dele. Nas palavras de Matonti e Poupeau (2006):

incorporado sob a forma de técnicas, de disposições a agir, a intervir, ou simplesmente obedecer, ele abrange um conjunto de saberes e de *savoir-faires* mobilizáveis nos momentos das ações coletivas, das lutas inter ou intrapartidárias, mas também exportáveis, passíveis de conversão para outros universos, e, assim, suscetíveis de facilitar certas ‘reconversões’ (Matonti; Poupeau, 2006, p. 130).

Nas trajetórias desses agentes, o capital militante é visível no conhecimento e reconhecimento quanto ao domínio de certos autores, capacidade de exposição escrita e oral, disposição para o embate intelectual etc. É, portanto, bastante significativo que a militância no PCB tenha precedido a entrada na carreira universitária – posto que foi isso o que garantiu que eles já adentrassem no espaço universitário contando com significativo prestígio intelectual. Também é significativo que a entrada no mundo universitário não tenha interrompido a militância deles, mas tenha mudado o caráter das suas intervenções político-intelectuais, que passavam a usufruir de um maior distanciamento em relação às injunções das instâncias partidárias.

Quadro 3. "Renovadores" universitários – política e universidade.

| Nome                   | Filiação partidária (períodos)  | Circulação internacional   | Cargos políticos ou administrativos  | Vínculo institucional  |
|------------------------|---|--|--|--|
| Carlos Nelson Coutinho | PCB (1961-início da década de 1980 – diz não saber exatamente quando saiu); PT (1989); PSOL (2004). | 1974 (curso na URSS); <sup>37</sup> 1975-1978 (Itália, Portugal e França).   | –  | Instituto Metodista Bennet (1984-1986); Escola de Serviço Social da UFRJ (1988). <sup>38</sup>   |
| Leandro Konder         | PCB (1951-1983); MDB, <sup>39</sup> PSB (1986-1989), PSOL.  | 1967 (Romênia); 1968 (Festival Mundial da Juventude, Bulgária); 1969 (homenagem póstuma a seu pai, na Alemanha Oriental); 1971 (estada na Europa para estudar alemão); 1972-1978 (Alemanha, de 1972 a 1977; França, de 1977 a 1978). | Assessor do mandato de deputado estadual de Milton Temer (PSB), 1987-1990.   | Instituto Metodista Bennet (1982-1986); Departamento de História da UFF (1985-1997); <sup>40</sup> Departamento de Ciências Sociais e de Educação da PUC-Rio (início em 1984 e 1985, respectivamente).   |
| Luiz Werneck Vianna    | PCB (1960-início da década de 1980).  | 1974 (curso na URSS); 1984 (pós-doutorado na Itália).  | Candidato a deputado pelo Rio de Janeiro, 1986 (MDB).  | Instituto de Sociologia da Unicamp (1975); IUPERJ (1980-2010), diretor entre 1987 e 1989.  |
| Ivan de Otero Ribeiro  | –   | Antes do golpe de 1964, esteve na Polônia; de lá, foi para o Chile (ficou até o golpe de estado, em 1973); seguiu para Roma (onde trabalhou como economista na ONU) (Malin, 2018).   | Assessor do Ministério da Reforma Agrária e do Desenvolvimento Agrário, equipe do ministro Marcos Freire (1985-1987); candidato derrotado à reitoria da UFRJ (Santos, 2007). | Programa Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural (primeiro FGV, depois UFRJ). <sup>41</sup>   |
| Antônio Carlos Peixoto | –   | 1972-1974 (Inglaterra – mestrado); 1975-1985 (França – professor no Institute de Hautes Études (IHE), entre outros vínculos); militante do PC Francês na década de 1970. <sup>42</sup>   | –  | PUC-Rio (1968-1970); Uerj (1968-); Foundation Nationale Des Sciences Politiques, na função de <i>chargé de recherche</i> (1976-1985); Institute de Hautes Études de l'Amérique Latine, França (1978-1983); diretor do Instituto de Rel. Int. da PUC-Rio (1983-1985); UFRJ (1986-1988 – prof. celetista); IUPERJ (prof. visitante – 1988-1995); |

Elaborada pelo autor com base na plataforma Lattes.

<sup>37</sup> Informação disponível na autobiografia de Anita Prestes (2019).

<sup>38</sup> Apesar de haver fontes que indicam seu vínculo com a UFRJ sendo iniciado em 1986, optei por utilizar a informação que consta na "Nota preliminar" do livro que foi publicado contendo o trabalho apresentado para a banca examinadora do concurso para a referida universidade (Coutinho, 1989). Sobre o vínculo com o Instituto Bennet, ver Neves (2016).

<sup>39</sup> Informação disponível em: <https://www.marxists.org/portugues/konder/2007/mes/40.htm> (acesso em: 23 out. 2024). Não consta o período.

<sup>40</sup> Informação disponível em: <http://www.noticias.uff.br/noticias/2015/01/semana-historia-homenagem-leandro-konder.php> (acesso em: 23 out. 2024),

<sup>41</sup> Como já mencionado, as informações sobre a vida universitária deste agente são escassas. Mas há um trecho do livro de Santos (2007, p. 82) que pode ser ilustrativo: "[Ribeiro] se juntou ao grupo de pesquisadores que se havia reunido, em meados dos anos 1970, em torno do tema agrário no centro acadêmico da FGV conhecido como a pós-graduação do Horto Florestal ou CPDA (Curso de Pós-graduação em Desenvolvimento e Agricultura). Ele também esteve na transferência do mesmo CPDA para a Universidade Rural, em 1984".

<sup>42</sup> Informação constante em Brito, Coelho e Lobo (2013).

Ganha destaque, assim, o modo como esses agentes efetuaram uma reconversão entre uma atuação mais propriamente política para uma mais acadêmica e intelectual. Segundo Saint Martin (2008):

As reconversões são o conjunto das ações e reações permanentes através das quais cada grupo social se esforça em manter ou mudar sua posição na estrutura social, e se traduzem em deslocamentos no espaço social de atores ou de grupos de atores, provocados por grandes transformações políticas [...] ou mais estruturais [...], com o abandono de posições estabelecidas e o ingresso em novos setores. Estas estratégias dependem, em larga medida, do estado das leis de sucessão, do mercado de trabalho, do sistema escolar etc. e do estado dos diferentes recursos econômicos, culturais, sociais e simbólicos que os diferentes grupos procuram reproduzir. Elas dependem também da avaliação das chances de lucro e de manutenção da posição ocupada e envolvem fortemente as disposições com relação ao futuro (Saint Martin, 2008, p. 64).

Há dois fatores importantes para compreender o que possibilitou a reconversão e como caracterizá-la: primeiramente, as características próprias do espaço acadêmico/universitário, que é dotado de uma baixa autonomia.<sup>43</sup> Em segundo lugar, os recursos e disposições desses agentes, que atuam de forma a borrar as fronteiras entre a academia e a política e cujas práticas (como a fala e a escrita) costumam ser valorizadas nos dois espaços. Pode-se dizer, com isso, que as reconversões operadas aconteceram em seu sentido mais fraco. Ainda de acordo com Saint Martin (2008, p. 66), “em seu sentido mais forte, as reconversões supõem uma forma de ruptura com a herança, uma dissolução dos antigos recursos e uma recomposição desses recursos em bases diferentes, bem como uma reconstrução identitária” – o que não é válido para nenhum dos casos englobados neste estudo. Porém, cabe frisar que a passagem para a atuação prioritária no espaço universitário foi diferente para cada agente, sendo mais ou menos intensa a depender do caso.

Com tais reconversões, há certa busca de manutenção do prestígio intelectual que, mesmo antes da entrada na universidade, já era o que lhes autorizava a intervir no espaço político. Antes, eles eram lidos a partir de uma leitura heroicizante direcionada àqueles que resistiam à ditadura – seja no exílio ou no Brasil – e aos intelectuais comunistas que estavam, *in loco*, vivenciando a chamada onda “eurocomunista”, em constante contato com as experiências europeias e “traduzindo-as” para os brasileiros. Essa “aura” fica desgastada após o retorno dos exilados. Outros fatores corroboram para esse desgaste, como a divisão da esquerda decorrente do ocaso da ditadura militar, que põe fim à existência de um inimigo comum (Pécaut, 1990), e o próprio desgaste da experiência “eurocomunista”, que precedeu a “recessão do marxismo” das duas últimas décadas do século XX.

<sup>43</sup> Ana Paula Hey (2008) argumenta que o espaço acadêmico brasileiro do período é caracterizado por uma baixa autonomia, ocupando uma posição dominada em relação à política.

O próprio volume de recursos intelectuais, ademais, ajuda-nos a compreender a saída desses agentes das hostes pecebistas, no início da década de 1980. Como sinalizado por Matonti (1999, p. 43), “a quantidade de recursos universitários permite, por outro lado, prejudicar a duração do engajamento, pois ele existe em função da reconversão possível em caso de saída”.

A conjuntura marcada pelo retorno dos militantes exilados trouxe uma dose de incerteza para esses intelectuais – decorrente não só das transformações políticas e da possibilidade de novas ondas repressivas, mas por conta da instabilidade profissional deles –, visto que, nesse momento, apenas Antônio Carlos Peixoto possuía um vínculo profissional estável no ensino superior público (em 1968, tornou-se professor associado da Uerj). Assim, entre 1980 e 1988 os demais estabeleceram um contrato fixo com instituição de ensino superior pública: Luiz Werneck Vianna vincula-se ao Iuperj em 1980, Ivan de Otero Ribeiro vincula-se à UFRRJ em meados da mesma década, Leandro Konder vincula-se à UFF em 1985 e Carlos Nelson Coutinho, à UFRJ em 1988.

Chama a atenção, primeiramente, o fato de cada um deles, apesar da identificação com um mesmo grupo político e corrente de pensamento, estabelecerem vínculos com instituições distintas e, ainda mais, com disciplinas distintas – nem sempre as mesmas disciplinas com as quais o autor é identificado, como no caso de o filósofo Leandro Konder ser aprovado para concurso do Departamento de História da UFF. Todos eles se firmaram no Rio de Janeiro. Cabe ressaltar, portanto, que o espaço intelectual carioca tinha uma porosidade bem maior em relação à política, o que pode, inclusive, ser constatado pelo peso que o PCB tinha no âmbito cultural desse estado.<sup>44</sup> Exemplo ilustrativo desse peso pode ser percebido no “Comitê Cultural” criado pelo PCB nos primeiros anos da ditadura,<sup>45</sup> que, conforme descrito por Leandro Konder em suas memórias, foi composto de várias pessoas que vieram a ocupar posições importantes em meio à cultura brasileira. Em suas palavras:

O Partido Comunista Brasileiro tinha na época, inegável influência, no Rio, sobre intelectuais e artistas. O PCB criou uma organização chamada Comitê Cultural, da qual eu fazia parte e que envolvia cineastas como Alex Viany, Leon Hirszman, Joaquim Pedro de Andrade; gente do teatro como Dias Gomes, Oduvaldo Vianna Filho, João das Neves, Carlos Vereza, José Wilker, Cecil Thiré; artistas de televisão, como o comico Rafael de Carvalho [...] e intelectuais como

<sup>44</sup> A comparação entre as condições de exercício das ciências sociais em São Paulo e no Rio de Janeiro foi um dos principais motes do projeto História das Ciências Sociais, coordenado por Sérgio Miceli. Dentro deste projeto, uma análise que privilegia a autonomia dos cientistas sociais paulistas é a de Arruda (Arruda, 1995). Fora desse projeto, uma análise que em alguns pontos se contrapõe à anterior é a de Sorj. Voltaremos a este ponto ao tratar mais especificamente das trajetórias de Coutinho e Vianna.

<sup>45</sup> Sobre a atuação cultural dos comunistas no período, ver capítulo 2 do livro *Em Busca do Povo Brasileiro*, de Marcelo Ridenti (2014).

Ferreira Gullar, Luiz Werneck Vianna, Pedro Celso Uchoa Cavalcanti, Antônio Carlos Peixoto e Carlos Nelson Coutinho (Konder, 2008, p. 69).

Também é digno de destaque que eles tenham entrado tardiamente na universidade pública – com exceção, novamente, de Antônio Carlos Peixoto, que se vincula à Uerj com 28 anos; os outros quatro vincularam-se ao serviço público com idades entre 40 e 50 anos, todos os quatro na década de 1980.

Dessa forma, a reconversão do capital militante adquirido na vivência interna ao PCB apresentou-se como uma alternativa viável para a manutenção das suas existências simbólicas no espaço intelectual. Com isso, a capacidade de ler e interpretar textos e de construir análises de conjuntura – enfim, a capacidade de intervir naquilo que os próprios agentes chamaram de “batalha das ideias” – foi progressivamente passando a ser feita no espaço acadêmico e a partir dele. Ou seja, por mais que eles não estivessem completamente submetidos às injunções desse espaço, a intervenção intelectual passava a depender, cada vez mais, do aval institucional advindo do vínculo com o ambiente universitário.

### Circulação internacional

Um dos principais elementos a distinguir esses agentes dos demais políticos e intelectuais com os quais eles se relacionavam diz respeito à sua intensa circulação internacional, que contribuiu para (1) o domínio de idiomas estrangeiros, (2) o estabelecimento de redes com outros políticos e intelectuais e para (3) o reconhecimento de terem conhecido *in loco* outras experiências da militância comunista – seja em relação a partidos, como o Partido Comunista Francês (PCF) e o Partido Comunista Italiano (PCI), seja pela própria vivência no chamado “socialismo real”.

Nesse sentido, um primeiro elemento que merece ser destacado refere-se ao fato de parte desses agentes já terem estado em outros países mesmo antes do golpe de 1964. É o caso de Leandro Konder e Ivan de Otero Ribeiro. Em ambos, a experiência internacional esteve atrelada às suas inserções políticas no universo comunista. Um segundo elemento refere-se ao fato de esses intelectuais terem se dirigido para a Europa (França, em especial) – o que pode ser explicado, pelo menos em parte, por conta dos contatos prévios estabelecidos com militantes europeus a partir do contato entre os partidos comunistas.<sup>46</sup>

O período do exílio foi também uma oportunidade para conhecer e dialogar com um amplo leque de políticos e intelectuais, possibilitando o contato entre diversos militantes brasileiros e estrangeiros, envolvendo tanto comunistas quanto defensores da luta armada.<sup>47</sup> Pôde-se, assim,

<sup>46</sup> A exceção, mais uma vez, refere-se a Luiz Werneck Vianna, cujo caso foi pormenorizadamente analisado em Silva (2022a).

<sup>47</sup> Ver os registros autobiográficos de Hildebrando (2012).



estabelecer redes de relações pessoais passíveis de mobilização posteriormente, quando do retorno ao Brasil. A autobiografia de Leandro Konder (2008) nos traz vários exemplos ilustrativos – como os encontros que teve com Fernando Henrique Cardoso, Leonel Brizola e Darcy Ribeiro. Mas, como esperado, o exílio foi também uma oportunidade para estabelecimento (ou fortalecimento) de redes com intelectuais europeus. Mais uma vez, tal autobiografia nos traz exemplos ilustrativos, como a realização do doutorado (não concluído), a ajuda dos “discípulos” de Lukács para que Konder conseguisse trabalho (o que possibilitou que ele viesse a dar aulas de português na Universidade de Bonn, na Alemanha), ou o jantar que realizou, juntamente com Carlos Nelson, com o famoso historiador Perry Anderson.

Em especial, cabe destacar que o exílio na Europa teve impacto significativo no modo como eles se relacionaram com a elite acadêmica das ciências sociais, posto que a maior parte dos futuros integrantes dessa elite, nesse mesmo período, foram para os Estados Unidos da América (EUA) realizar doutorado (Keinert, 2011). Esse foi um momento em que o modelo norte-americano de produção de conhecimento nas ciências sociais se impunha em todo o mundo – como pode ser visto na trajetória de Paul Lazarsfeld, analisada por Michael Pollak (2018). A difusão dessa orientação nas ciências sociais contava com instituições como a Fundação Ford, que concedia bolsas para pesquisadores realizarem o doutorado nos EUA e financiava instituições de pesquisas em países como o Brasil, favorecendo uma orientação alegadamente mais técnica e empiricista. Tais esforços, obviamente, não eram gratuitos. Obedeciam a orientações de combate ao comunismo vigentes na Guerra Fria, selecionando os intelectuais e projetos de pesquisa com maior potencial para contribuir com a valorização e difusão do modelo de democracia que supostamente era praticado nos EUA (Guilhot, 2005).<sup>48</sup>

Em contrapartida, aqueles que realizaram o doutorado nos EUA retornavam com títulos e conhecimentos valorizados no espaço acadêmico, que serviam como distintivo para angariar recursos para a realização de pesquisas (com agências de fomento nacionais e/ou estadunidenses), e também contribuía para autorizá-los para o exercício de postos na burocracia, da formulação de políticas públicas e para a intervenção política (inclusive na orientação de como deveria ocorrer a “descompressão”<sup>49</sup>). Diferentemente dos “renovadores” aqui estudados, esses cientistas sociais intervinham na política a partir da reivindicação da profissionalização na universidade e da condição de “especialista” que maneja vastas

<sup>48</sup> No que tange às produções acadêmicas norte-americanas, o intuito de exportar o modelo de democracia para os países que poderiam vir a ser “vítimas” do comunismo e do fascismo nem sempre ficava nas entrelinhas, como podemos ver em *The Civic Culture*, trabalho de Gabriel Almond e Sidney Verba (xxxx), primeiramente publicado em 1963 e que até hoje é um clássico da ciência política, apesar das críticas que recebeu por conta do seu teor normativo.

<sup>49</sup> Referência ao termo utilizado pelo cientista político S. Huntington e mobilizado por Wanderley Guilherme dos Santos em intervenções no congresso, no período da redemocratização. A despeito da perspectiva teórica distinta da aqui adotada, Renato Lemos traz uma interessante discussão sobre os vínculos de Huntington com a política e academia brasileira do período, destacando o modo como Wanderley Guilherme dos Santos deu eco às suas intervenções e propostas.

quantidades de material empírico a partir de técnicas tidas como sofisticadas (Keinert, 2011; Pecáut, 1990).

Cabe frisar, assim, que, por mais que parte dos integrantes da “corrente renovadora” tenha articulado críticas ao chamado “socialismo real”, na medida em que a crítica à URSS se impôs como um importante mote de suas intervenções, essa posição não era algo dado no começo da década de 1970. Cristalizou-se, em especial, após a “marginalização” dos agentes no começo da década de 1980,<sup>50</sup> acompanhando a tendência de saída de intelectuais das hostes comunistas, que aconteceu também em outras partes do mundo.<sup>51</sup>

A circulação internacional desses agentes tem ainda outras duas consequências importantes. Primeiramente, ela serve como um trunfo para dar credibilidade à crítica ao “socialismo real”. Enquanto os cientistas políticos formados em instituições estadunidenses operavam tal crítica a partir da alegação de uma produção técnica, empiricamente embasada e supostamente não ideológica, os “renovadores” possuíam outro trunfo: não conheciam apenas as obras clássicas e contemporâneas da tradição marxista, mas viveram na prática o chamado “socialismo real” e as experiências mais “avançadas” do comunismo internacional – os partidos comunistas francês e italiano. Cabe destacar, portanto, a importância do fato de que uma parte significativa desses intelectuais participou de um curso para formação de quadros na URSS.<sup>52</sup>

Destaca-se, ainda, que a circulação desses agentes funciona como um atestado prático quanto ao domínio de idiomas estrangeiros – em certos momentos reiterando um conhecimento já atestado (como no caso de Carlos Nelson Coutinho, que havia traduzido obras mesmo antes de ir para o exílio europeu). A importância do domínio de idiomas adquire colorações próprias quando pensamos mais especificamente no universo dos marxistas, como demonstrado por Rodrigues (2019). Entre os marxistas, a leitura do autor (seja o próprio Marx ou aquele em que o marxista é especializado, como Gramsci ou Lukács) no idioma original é um elemento distintivo, posto que é relativamente raro entre eles, conferindo autoridade àqueles que o fazem (Rodrigues, 2019).

<sup>50</sup> A trajetória de Aloysio Nunes Teixeira é um exemplo de integrante da “corrente renovadora” que se notabilizou pela defesa dos ideais liberais, em oposição ao seu passado comunista. As críticas de Armênio Guedes à URSS, amparadas no período em que esteve lá, são também ilustrativas de como alguns desses político-intelectuais contribuíram para descreditar a experiência do chamado “socialismo real”. Esses parâmetros de defesa da “democracia”, porém, não foram consensuais entre os que compuseram a corrente.

<sup>51</sup> Fenômeno não exclusivo dos comunistas brasileiros e que guarda relação direta com o movimento dos demais intelectuais comunistas. Estudando o Partido Comunista Francês, Gerorge Ross e Jane Jenson mencionam que, em fins da década de 1970 (antes, portanto, da saída dos “renovadores”), houve um “afastamento de praticamente toda a *intelligentsia* comunista” (Ross; Jenson, 1996, p. 44).

<sup>52</sup> Conforme o depoimento de Anita Prestes: “No final de 1974 chegaram ao nosso instituto para participar de um curso de três meses sobre *O capital*, oferecido por Anastácio Mansilla, uns quinze membros da Assessoria do Comitê Central do PCB criada no Brasil sob a direção de José Salles, membro suplente do CC. Faziam parte do grupo Marly Vianna, esposa de Salles, Carlos Nelson Coutinho e a esposa Amélia, Luiz Werneck Vianna e a esposa Maria Lúcia, José Braz de Araújo, Ana Malin, além de outros militantes da área da intelectualidade do Partido” (Prestes, 2019, posição 3967).

### Posições políticas ocupadas

Os aspectos mencionados garantiam a esses agentes certo prestígio e destaque no meio intelectual e político. Mas, na falta de um lastro acadêmico mais sólido, pode-se dizer que esse prestígio não decorria exclusivamente do público dos pesquisadores universitários, mas, também, do reconhecimento por parte de militantes vinculados ao PCB e leitores politizados. É o que podemos inferir a partir da referência de Ricardo Antunes sobre os “jovens marxistas que estavam no exterior”:

Estou falando de uma geração que nos inspirou como o Carlos Nelson Coutinho, o Leandro Konder, e que hoje são meus amigos de tantas empreitadas. Eu lembro que no partido comunista, quando estávamos na clandestinidade, falávamos de um grupo de jovens marxistas que estavam no exterior. Quem eram eles? Carlos Nelson, o Leandro Konder, que saíam daquela dogmática stalinista, do positivismo soviético. Eles eram marxistas, estavam no partido comunista, portanto tinha um pouco do engessamento do partido comunista, mas eram mais flexíveis (Antunes *apud* Loureiro; Bastos, 2008, p. 384).

No que concerne aos cargos eletivos e administrativos, não há a ocupação de posições de relevo: Ivan de Otero Ribeiro foi assessor do Ministério da Reforma Agrária e do Desenvolvimento Agrário, na equipe do ministro Marcos Freire (1985-1987); Leandro Konder foi assessor do mandato do então deputado Milton Temer, pelo Partido Socialista Brasileiro (PSB) do Rio de Janeiro (1987-1990); e Luiz Werneck Vianna concorreu em 1986 ao mandato de deputado, pelo MDB do Rio de Janeiro, com votação pouco expressiva.

Pode-se dizer, portanto, que eles ocupavam posições politicamente dominadas, mas propícias ao embate intelectual, contraposição de ideias, formulação oral e escrita, que eram atributos válidos tanto na atuação universitária quanto no meio político. Tais disposições são valorizadas no embate político, pois esse é um espaço em que, além da busca por votos e, de modo geral, pela ocupação de postos no Estado, há também uma disputa pelos modos de apreciação da realidade – ou, nas palavras de Bourdieu, “uma luta pelo poder propriamente simbólico de fazer ver e fazer crer, de predizer e de prescrever, de dar a conhecer e de fazer reconhecer, que é ao mesmo tempo uma luta pelo poder sobre os ‘poderes públicos’” (Bourdieu, 2011, p. 174). Na medida em que tais disposições são também valorizadas no espaço acadêmico – que, a despeito de suas especificidades, também é um espaço de disputa sobre as visões de mundo –, a reconversão para esse espaço torna-se facilitada.

Não consta, nos documentos consultados, informações que indiquem a ocupação, por parte dos “renovadores” analisados, de cargos nas instâncias de direção nacional do partido (o Comitê Central, notadamente). Pode-se dizer, de modo geral, que eles não ocuparam posições de destaque na estrutura partidária, o que está de acordo com o que foi destacado por Marco Aurélio Nogueira, em entrevista, quando afirma que a relação entre o partido e os intelectuais foi muito

marcada por um “uso instrumental dos intelectuais”, em que o partido valia-se do prestígio desses atores e, ao mesmo tempo, mantinha-os escanteados.<sup>53</sup> Isso nos remete àquilo que Gildo Brandão chamou de “influência sem poder”, referindo-se ao PCB no período pré-1964 (Brandão, 1997). Ou seja, a despeito de não ocuparem posições altas na hierarquia da política partidária, os intelectuais aqui englobados mantinham-se sendo lidos, ouvidos e debatidos – influenciando, de alguma forma, os rumos do debate político e intelectual.

### Intelectuais ou universitários profissionais?

No âmbito do comunismo e do marxismo, a década de 1980 foi marcada pela acentuação da crise dos países ligados à URSS e, paralelamente, por certa aversão aos marxistas nos meios intelectuais. Sobre esse período de “recessão do marxismo”, Hobsbawm (2011) traça um comentário que parece descrever bem a situação desses nossos intelectuais que, já maduros, conseguiram da universidade um relativo reconhecimento simbólico e o amparo material para continuar na “batalha das ideias”: “não pode haver dúvidas de que durante um quarto de século [1983-2000] Marx deixou de ser visto como um pensador relevante para a época e de que na maior parte do mundo o marxismo reduziu-se a pouco mais que um conjunto de ideias de um grupo de sobreviventes de meia-idade ou idosos” (Hobsbawm, 2011, p. 346).<sup>54</sup>

Essa relação particular com o ambiente universitário só pode ser compreendida mediante a apreensão do contato precoce com o exercício intelectual e do caráter da atuação política dos agentes, como já destacado. Mas há, ainda, outro elemento determinante: a baixa, porém crescente, institucionalização do ambiente universitário do período, que configurava um momento de transição – a passagem para a “maioridade” das ciências sociais, que tem seu ponto de inflexão entre as décadas de 1960 e 1970, quando passa a haver uma maior delimitação da identidade do cientista social e aumenta bastante o nível de profissionalização (Forjaz, 1989).<sup>55</sup>

Todos esses fatores possibilitaram e contribuíram para que o reconhecimento de tais agentes não dependesse exclusivamente da produção vinculada à universidade, mas da atuação política e da editoração e publicação em jornais e revistas que não dissociavam ciência e política. Mas, como era um período em que a profissionalização e a institucionalização eram cada vez

<sup>53</sup> Entrevista concedida a Silva (2021b). A análise de Antônio Rubim (2007) também destaca esse “uso ornamental” dos intelectuais ao longo da história do PCB.

<sup>54</sup> Lucio Magri, ex-dirigente do PCI, reitera essa leitura: “é incontestável que nos anos 1980 a história do comunismo como movimento mundial, inspirado na Revolução de Outubro, esgotou-se. Também é incontestável que isso se refletiu gravemente sobre todas as formas que participaram dessa história [...]. A década de 1980 conduziu para onde era fatal que conduziisse: uma crise geral do comunismo do século XX” (Magri, 2014, p. 316).

<sup>55</sup> Cabe frisar que o processo de institucionalização das ciências sociais no Brasil é bem mais complexo do que o expresso nesta passagem. Correndo o risco de simplificação, o objetivo é destacar, aqui, que esse é um período de transição e intensa mudança. Os dois volumes de *História das Ciências Sociais no Brasil*, organizados por Sérgio Miceli, dão um apanhado mais amplo e completo desse processo. Ver, em especial, Miceli (1995).



mais presentes, impunha-se também uma série de novas injunções para a atuação política e intelectual desses agentes.

É bastante elucidativo o relato de Milton Lahuerta<sup>56</sup> sobre o modo como ele percebeu e vivenciou estas mudanças:

Nesse momento de elaboração de uma nova ordem constitucional, não havia tanta clareza quanto a esse imperativo profissional que, para a geração de vocês, é muito forte. Permanecia uma crença meio inercial de que era possível permanecer atuando como um híbrido de professor, intelectual, militante, quadro partidário. E a vida foi mostrando, a partir dos anos 1980, que isso seria impossível. Cada vez mais, só haveria lugar para profissionais, fosse no âmbito da universidade – colonizada pela lógica *lattes* –, fosse no da própria política partidária – permeada por uma lógica maximizadora de benefícios. Ou seja, estava se reduzindo o espaço tanto para políticos com densidade cultural quanto para os intelectuais. E foi ficando evidente que estava se fechando a possibilidade tanto para uma vida acadêmica quanto para uma militância que não fossem profissionais. *A expectativa que mantivéramos, de que era possível fazer política como intelectual, foi se desfazendo ali*, no início dos anos 1990. Não havia mais espaço para isso, ainda que entre os intelectuais do PT ela prosseguisse por mais algum tempo (Lahuerta *apud* Silva, 2021a, p. 386, grifo nosso).

E complementa, deixando claro que essa adaptação, para as vivências individuais, trouxera dificuldades e incômodos:

No final dos anos 1980 coincidem os efeitos provocados pelas mudanças no padrão produtivo e tecnológico, a grande transformação institucional expressa pela Carta de 1988 e a de uma radical metamorfose nas condições de realização do trabalho intelectual. Foi muito duro viver tudo isso, essas mudanças, assim como aceitar que não seria nada simples tentar realizar o ideal de articular ciência e política numa síntese inovadora. Num certo sentido, recolocava-se o vaticínio weberiano: ciência e política, duas vocações. Não haveria mais espaço para a ambiguidade. Os anos 1990 exigiriam muita readequação por parte de quem, socialmente, buscava algo mais na atividade intelectual (Lahuerta *apud* Silva, 2021a, p. 387-388).

Essa relação com o ambiente universitário também é retratada pelos próprios atores, que a representam como uma espécie de “rebeldia”. Isso fica bastante visível nos depoimentos desses agentes ou em textos-homenagem direcionados a eles. Um exemplo bastante ilustrativo é a

---

<sup>56</sup> Hoje cientista político e professor universitário vinculado à Unesp, Lahuerta também fora um intelectual identificado com a “renovação” do marxismo e próximo aos intelectuais englobados neste estudo.



entrevista concedida pelo professor José Augusto Rodrigues em homenagem a Antônio Carlos Peixoto:

Foi preso político, torturado, exilado, quer dizer era uma figura que aliava uma erudição absolutamente privilegiada; *estou falando de erudição e não de qualificação acadêmica*, apesar de ele ter uma qualificação acadêmica como poucos, talvez ele tenha sido um dos mais importantes conhecedores, em determinado momento até formulador, do pensamento político latino-americano; ele não era apenas o que se chama de *scholar*, não era exatamente um acadêmico, um professor universitário limitado ao conhecimento de sua área de especialização, ele tinha um domínio colossal de sua área, mas ele era antes de tudo um erudito, um homem interessado em literatura, na história da arte, no pensamento social em geral, nas questões de cultura como um todo (Rodrigues *apud* Brito; Coelho; Lobo, 2013, p. 204, grifo nosso).

Esses “incômodos” demonstram certo distanciamento entre as disposições desses agentes e as exigências que vinham progressivamente se impondo ao ofício político e intelectual. Dessa forma, justifica-se e valoriza-se, por outro viés, uma produção que, segundo veem os próprios agentes, não possuiria a devida valorização na universidade. É, portanto, uma estratégia de valorização compensatória, que parte da percepção de situarem-se à margem do modelo dominante de produção nesse espaço.

### Considerações finais

Não é possível entender o relacionamento com os orientadores, a não realização do mestrado e demais “pulos” do que se afirmou como uma carreira acadêmica tradicional – enfim, o modo como esses agentes se relacionaram com o ambiente universitário – se não tivermos em vista a militância concomitantemente política e intelectual. Além da configuração familiar – que, como destacado, favoreceu uma iniciação intelectual precoce –, os agentes englobados neste estudo tiveram suas trajetórias marcadas por uma intensa militância, que não só precedeu a entrada na carreira acadêmica, mas se manteve – de modo distinto, a depender do agente e do momento – articulada à experiência universitária. Dessa forma, tais agentes conseguiram uma maior liberdade em relação às injunções do espaço universitário, o que foi feito mediante a subordinação às injunções do espaço político. Transitando entre os dois mundos, conseguiram um relativo reconhecimento intelectual (bastante significativo, em alguns dos casos), a despeito das oscilações em relação ao reconhecimento científico.

Não há, por parte desses agentes, um grupo intencional ou organicamente formado. Há um conjunto de agentes ocupando posições próximas no espaço social e que compartilham o uso de um léxico semelhante, interesses intelectuais e alguns problemas comuns. É justamente isso o que possibilita que eles venham a discordar entre si e que essa discordância não anule certa

solidariedade entre eles. Possibilita, portanto, a existência de convergências e divergências, mais visíveis na medida em que as tomadas de posição (com destaque para as publicações em livros e revistas) são pormenorizadamente analisadas – como fica explícito, por exemplo, na contestação à leitura oficial que o PCB fazia em relação à implantação do capitalismo no país.

Desse modo, a inexistência de um grupo articulado não anula a existência de vínculos entre eles. Carlos Nelson Coutinho, Leandro Konder e Ivan de Otero Ribeiro estabeleceram fortes laços de amizade mesmo após o período do exílio, vínculo constantemente reiterado em diversos documentos em que se destacava a importância da parceria intelectual entre eles. A convivência no exílio uniu Antônio Carlos Peixoto a esses três (todos integravam a “assessoria” do Comitê Central). Já Luiz Werneck Vianna aparenta destoar dos demais na medida em que o vínculo com eles parece ser mais pelos embates e colaborações intelectuais do que pelo convívio em instâncias partidárias, como a mencionada “assessoria”. Cabe destacar, porém, a participação de Vianna em diversos espaços que o ligam aos demais: a banca de avaliação da livre-docência de Carlos Nelson Coutinho, em 1988; a banca de avaliação da tese de doutorado de Leandro Konder, em 1987; a contribuição em revistas que os outros três também atuaram, entre outros.

## Referências

- ALOYSIO Nunes Ferreira. In: FUNDAÇÃO GETULIO VARGAS. Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil. [Acervo do CPDOC]. Rio de Janeiro: FGV/CPDOC, 2009. Disponível em: <https://www18.fgv.br/CPDOC/acervo/dicionarios/verbete-biografico/aluisio-nunes-ferreira-filho>. Acesso em: 10 dez. 2024.
- ARRUDA, Maria Arminda do Nascimento. A sociologia no Brasil: Florestan Fernandes e a escola paulista. In: ARRUDA, Maria Arminda Nascimento. *História das Ciências Sociais no Brasil*. São Paulo: Sumaré, 1995. v. 2. p. 107-232.
- BIANCHI, Álvaro. O Brasil dos gramscianos. *Crítica Marxista*, Campinas, v. 23, n. 43, p. 117-132, 2016.
- BOURDIEU, Pierre. A representação política: elementos para uma teoria do campo político. In: BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011. p. 163-208.
- BOURDIEU, Pierre. *Homo academicus*. Florianópolis: Editora da UFSC, 2017.
- BRANDÃO, Gildo Marçal. *A esquerda positiva: as duas almas do Partido Comunista: 1920/1964*. São Paulo: Hucitec, 1997.
- BRITO, Julian; COELHO, Tádzio Peters; LOBO, Heloísa. Intelectuais, política e Ciências Sociais no Brasil: uma homenagem ao professor Antonio Carlos Peixoto: entrevista com o professor José Augusto Rodrigues. *Revista Intratextos*, Rio de Janeiro, v. 4, n. 1, p. 202-211, 2013.
- BURGOS, Marcelo Baumann. Cientistas sociais da geração dos anos de 1980. In: BARBOZA FILHO, Rubem; PERLATTO, Fernando (org.). *Uma sociologia indignada: escritos sobre Luiz Werneck Vianna*. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2012. p. 331-346.



- CAPISTRANO FILHO, David; SANTOS, Ubiratan de Paula; ALTMAN, Breno. *Há o que fazer: a esquerda na Nova República*. São Paulo: Hucitec, 1986.
- CARVALHO, Maria Alice Rezende de. Aos leitores. *Presença*, Rio de Janeiro, n. 16, p. 5-6, abr. 1991.
- CARVALHO, Maria Alice Rezende de. Aos leitores. *Presença*, Rio de Janeiro, n. 18, p. 3-4, jun. 1992.
- CARVALHO, Maria Alice Rezende de. Temas sobre a organização dos intelectuais no Brasil. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, São Paulo, v. 22, n. 65, p. 17-31, 2007.
- CARVALHO, Maria Alice Rezende de. Textos, contextos e um Brasil. In: BARBOZA FILHO, Rubem; PERLATTO, Fernando (org.). *Uma sociologia indignada: escritos sobre Luiz Werneck Vianna*. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2012. p. 17-46.
- CHARLE, Christophe. Eric Hobsbawm: perspectivas em descompasso. In: CHARLE, Christophe. *Homo historicus*. Porto Alegre: Editora da UFRGS; Rio de Janeiro: FGV, 2018.
- COELHO, Simone de Castro Tavares. *Gildo Marçal Brandão: itinerários intelectuais*. São Paulo: Hucitec: Fapesp, 2010.
- COUTINHO, Carlos Nelson. A democracia como valor universal. In: SILVEIRA, Ênio *et al.* *Encontros com a Civilização Brasileira*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979. v. 9, p. 33-48.
- COUTINHO, Carlos Nelson. Exposição. In: GARCIA, Marco Aurélio. *As esquerdas e a democracia*. Rio de Janeiro: Paz e Terra: CEDEC, 1986. p. 59-66.
- COUTINHO, Carlos Nelson. *Gramsci: um estudo sobre seu pensamento político*. Rio de Janeiro: Campus, 1989.
- COUTINHO, George Gomes. *Um cientista político na periferia do capitalismo: ciência política, o PCB e o pensamento político brasileiro em Gildo Marçal Brandão*. Tese (Doutorado em Ciência Política) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2018.
- FORJAZ, Maria Cecília Spina. Cientistas e militares no desenvolvimento do CNPq. *BIB: Revista Brasileira de Informação Bibliográfica em Ciências Sociais*, São Paulo, n. 28, p. 71-99, 1989.
- GÓES, Camila. *Gramsci e a dialética da tradução na América Latina: o caso das revistas Pasado y Presente e Presença*. Tese (Doutorado) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2020.
- GUEDES, Armênio. Apresentação. *Presença*, Rio de Janeiro, v. 1, p. 7-10, 1983.
- GUILHOT, Nicolas. *The democracy makers: Human Rights and the politics of global order*. Nova York: Columbia University Press, 2005.
- HERMETO, Miriam. O prefácio de Gota d'Água: as bases de um projeto cultural de interface entre intelectuais e artistas na ditadura militar brasileira. *Literatura e Autoritarismo*, Santa Maria, n. 7, p. 81-112, 2012.
- HEY, Ana Paula. *Esboço de uma sociologia do campo acadêmico: a educação superior no Brasil*. São Carlos: EdUFSCar, 2008.



- HILDEBRANDO, Luiz. *Crônicas subversivas de um cientista*. Rio de Janeiro: Vieira & Lent, 2012.
- HOBBSAWM, Eric. *Como mudar o mundo: Marx e o marxismo: 1840-2011*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- IVAN Ramos Ribeiro. In: FUNDAÇÃO GETULIO VARGAS. Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil. [Acervo do CPDOC]. Rio de Janeiro: FGV/CPDOC, 2009. Disponível em: <https://www18.fgv.br/CPDOC/acervo/dicionarios/verbete-biografico/ivan-ramos-ribeiro>. Acesso em: 10 dez. 2024.
- KEINERT, Fábio Cardoso. *Cientistas sociais entre a ciência e a política*. Tese (Doutorado em Sociologia) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.
- KEINERT, Fábio Cardoso; SILVA, Dimitri Pinheiro. A gênese da ciência política no Brasil. *Tempo Social*, São Paulo, v. 22, n. 1, p. 79-98, 2010.
- KLUGER, Elisa. *Meritocracia de laços: gênese e reconfigurações dos espaços dos economistas no Brasil*. Tese (Doutorado em Sociologia), Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.
- KONDER, Leandro. *A democracia e os comunistas no Brasil*. Rio de Janeiro: Graal, 1980.
- KONDER, Leandro. *A derrota da dialética: a recepção das ideias de Marx no Brasil até o começo dos anos trinta*. Rio de Janeiro: Campus, 1988.
- KONDER, Leandro. *Memórias de um intelectual comunista*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.
- KONDER, Leandro. O “currículo mortis” e a reabilitação da autocrítica. *Presença*, Rio de Janeiro, n. 1, p. 125-130, 1983.
- LOUREIRO, Maria Rita; BASTOS, Elide Rugai. Ricardo Antunes. In: LOUREIRO, Maria Rita; BASTOS, Elide Rugai; REGO, José Marcio Rebolho. *Conversas com sociólogos brasileiros: retórica e teoria na história do pensamento sociológico no Brasil: Relatório 11/2008*. São Paulo: FGV-EAESP: GVPESQUISA, 2008. p. 379-399.
- LUCCA-SILVEIRA, Marcos Paulo de. *Intelectuais e a questão da democracia no Brasil: um estudo a partir da Revista Presença*. Dissertação (Mestrado em Ciência Política) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.
- LYNCH, Christian Edward Cyril. Entre a “velha” e a “nova” Ciência Política: continuidade e renovação acadêmica na primeira. *Dados*, Rio de Janeiro, v. 60, n. 3, p. 663-702, 2017.
- MAGRI, Lucio. *O alfaiate de Ulm: uma possível história do Partido Comunista Italiano*. São Paulo: Boitempo, 2014.
- MAIA, João Marcelo Ehlert. Lendo Gramsci e Lênin na periferia: a obra de Luiz Werneck Vianna e a sociologia política no Brasil e no mundo. In: BARBOZA FILHO, Rubem; PERLATTO, Fernando (org.). *Uma sociologia indignada: escritos sobre Luiz Werneck Vianna*. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2012. p. 115-132.
- MALIN, Mauro. *Armênio Guedes: um comunista singular*. 1. ed. Rio de Janeiro: Ponteio, 2018.

- MARCELINO, Giovanna Henrique. "Seminário Marx": um capítulo brasileiro do marxismo ocidental? *Leviathan: Cadernos de Pesquisa Política*, São Paulo, v. 15, p. 122-146, 2017.
- MATONTI, Frédéric. Les "garde-fous": trajectoires biographiques et obéissance politique: l'exemple du groupe dirigeant de La Nouvelle Critique (1967-1980). *Le Mouvement Social*, [s. l.], v. 1, n. 186, p. 23-44, 1999.
- MATONTI, Frédérique; POUPEAU, Franck. O capital militante: uma tentativa de definição. Tradução: Mauricio Rombaldi. *Plural*, São Paulo, 13, p. 127-133, 2006.
- MAUÉS, Flamarion. *Livros contra a ditadura: editoras de oposição no Brasil: 1974-1984*. São Paulo: Publisher Brasil, 2013.
- MICELI, Sérgio. A história das Ciências Sociais no Brasil. São Paulo: Sumaré, 1995. v. 2.
- MICELI, Sérgio. Biografia e cooptação (o estado atual das fontes para a história social e política das elites no Brasil). In: MICELI, Sérgio. *Intelectuais à brasileira*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001a. p. 345-357.
- MICELI, Sérgio. Intelectuais e classe dirigente no Brasil. In: MICELI, Sérgio. *Intelectuais à brasileira*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001b. p. 69-292.
- MICELI, Sérgio. Por uma sociologia das ciências sociais. In: MICELI, Sérgio. *História das Ciências Sociais no Brasil*. São Paulo: Sumaré, 2001c. v. 1. p. 11-28.
- MONDAINI, M. *Há trinta anos, o eurocomunismo*. [S. l.]: Gramsci e o Brasil, 2006. Disponível em: <https://www.acesa.com/gramsci/?id=535&page=visualizar>. Acesso em: 10 nov. 2019.
- NEVES, Victor. *Democracia e revolução: um estudo do pensamento político de Carlos Nelson Coutinho*. Tese (Doutorado) – Escola de Serviço Social, Programa de Pós-Graduação em Serviço Social, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016.
- NOGUEIRA, Marco Aurélio. Comunistas, comunismo: o desafio da renovação. *Presença*, Rio de Janeiro, n. 1, p. 91-96, nov. 1983.
- PANDOLFI, Dulce. *Camaradas e companheiros: memória e história do PCB*. Rio de Janeiro: Relumê-Dumará: Fundação Roberto Marinho, 1995.
- PÉCAUT, Daniel. *Os intelectuais e a política no Brasil: entre o povo e a nação*. São Paulo: Ática, 1990.
- PERLATTO, Fernando. Interpretando a modernização conservadora: a imaginação sociológica em tempos difíceis. *Revista Estudos Políticos*, Niterói, v. 5, n. 2, p. 461-481, 2014.
- POLLAK, Michael. Memória e identidade. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-212, 1992.
- POLLAK, Michael. Memória, esquecimento e silêncio. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989.
- POLLAK, Michael. Paul F. Lazarsfeld: fundador de uma multinacional científica. *Política & Sociedade*, Florianópolis, v. 17, n. 38, p. 94-134, 2018.

- PRESTES, Anita Leocadia. *Luiz Carlos Prestes: o combate por um partido revolucionário (1958-1990)*. São Paulo: Expressão Popular, 2012.
- PRESTES, Anita Leocadia. *Viver é tomar partido: memórias*. São Paulo: Boitempo, 2019. *E-book*.
- REIS, Fábio Wanderley. Huis clos no Chile e ciência política no Brasil. In: AVRITZER, Leonardo; MILANI, Carlos; BRAGA, Maria do Socorro. *A ciência política no Brasil: 1960-2015*. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2016.
- RIBEIRO, Ivan de Otero. *Agricultura, democracia e socialismo*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.
- RIDENTI, Marcelo. *Em busca do povo brasileiro*. 2. ed. São Paulo: Unesp, 2014.
- RODRIGUES, Leôncio Martin. PCB: dirigentes e organização. In: FAUSTO, Boris. *História geral da civilização brasileira*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1978. v. 10. p. 361-443.
- RODRIGUES, Lidiane Soares. *A produção social do marxismo universitário em São Paulo: mestres, discípulos e 'um seminário' (1958-1978)*. Tese (Doutorado em História) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo São Paulo, 2011.
- RODRIGUES, Lidiane Soares. O que um *hit-parede* tem a dizer. In: ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE CIÊNCIA POLÍTICA, 10., 2016. *Anais [...]*. Belo Horizonte: [s. n.], 2016.
- RODRIGUES, Lidiane Soares. Poder, sexo e línguas entre marxistas brasileiros. *Revista Pós Ciências Sociais*, São Luís, v. 15, n. 31, p. 131-158, 2019.
- ROSS, George; JENSON, Jane. França: triunfo e tragédia. In: ANDERSON, Perry; CAMILLER, Patrick. *Um mapa da esquerda na Europa ocidental*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996. p. 33-64.
- RUBIM, Antonio Albino Canelas. Marxismo, cultura e intelectuais no Brasil. In: MORAES, João Quartim de. *História do marxismo no Brasil*. 2. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2007. p. 373-469.
- SAINT MARTIN, Monique. Da reprodução às recomposições das elites: as elites administrativas, econômicas e políticas na França. *Revista Tomo*, Aracaju, n. 13, p. 43-74, 2008.
- SANTOS, Raimundo. *Agraristas políticos brasileiros*. Brasília, DF: Fundação Astrogildo Pereira, 2007.
- SANTOS, Raimundo. *O marxismo político de Armênio Guedes*. Brasília, DF: Fundação Astrogildo Pereira, 2012.
- SANTOS, Raimundo. *O pecebismo inconcluso: escritos sobre ideias políticas*. 2. ed. Rio de Janeiro: Sociedade do Livro: Universidade Rural, 1994.
- SAPIRO, Gisèle. Modelos de intervenção política dos intelectuais: o caso francês. *Revista Pós Ciências Sociais*, São Luís, v. 9, n. 17, p. 19-50, 2012.
- SILVA, Marcelo Fontenelle e. Condições sociais de produção e circulação de um "clássico da esquerda": uma análise de "A democracia como valor universal", de Carlos Nelson Coutinho. *Revista de Ciências Sociais*, Fortaleza, v. 53, n. 1, p. 345-383, mar./jun. 2022b.
- SILVA, Marcelo Fontenelle e. Entrevista com Marco Aurélio Nogueira: intelectuais e comunistas no Brasil da redemocratização. *Agenda Política*, São Carlos, v. 9, n. 1, p. 338-356, 2021b.



- SILVA, Marcelo Fontenelle e. Entrevista com Milton Lahuerta: intelectuais e comunistas no Brasil da redemocratização. *Agenda Política*, São Carlos, v. 9, n. 1, p. 357-393, 2021a.
- SILVA, Marcelo Fontenelle e. Entrevista com Milton Lahuerta: intelectuais e comunistas no Brasil da redemocratização. *Agenda Política*, São Carlos, v. 9, n. 1, p. 357-393, 2021a.
- SILVA, Marcelo Fontenelle e. *Os (euro)comunistas brasileiros: uma análise da trajetória política e intelectual de integrantes da chamada "corrente renovadora" (1970/1980)*. Tese (Doutorado em Ciência Política) – Programa de Pós-Graduação em Ciência Política, Universidade Federal de São Carlos, de São Carlos, 2022a.
- STONE, Lawrence. Prosopografia. *Revista de Sociologia e Política*, Curitiba, v. 19, n. 39, p. 115-137, 2011.
- VARGAS, Hustana Maria. Sem perder a majestade: "profissões imperiais" no Brasil. *Estudos de Sociologia*, Araraquara, v. 15, n. 28, p.107-124, 2010.
- VIANNA, Luiz Jorge Werneck. *Luiz Jorge Werneck Vianna (depoimento, 2012)*. Rio de Janeiro: Fundação Getulio Vargas, 2013.
- VIANNA, Luiz Jorge Werneck. Questão nacional e democracia: o ocidente incompleto do PCB. In: VIANNA, Luiz Jorge Werneck. *A transição: da constituinte à sucessão presidencial*. Rio de Janeiro: Revan, 1989. p. 121-170.
- VIANNA, Luiz Werneck. *A classe operária e a abertura*. São Paulo: Cerifa, 1983.
- VIANNA, Luiz Werneck. A institucionalização das ciências sociais e a reforma social: do pensamento social à agenda americana de pesquisa. In: VIANNA, Luiz Werneck. *A revolução passiva: iberismo e americanismo no Brasil*. Rio de Janeiro: Revan, 1997. p. 173-222.
- VIANNA, Luiz Werneck. Entrevista com Luiz Werneck Vianna. [Entrevista cedida a] Celso Castro e Lucia Lippi Oliveira. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, n. 35, p. 177-191, 2005.
- VIANNA, Luiz Werneck. *Liberalismo e sindicato no Brasil*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.
- VIANNA, Luiz Werneck. Problemas de política e organização dos intelectuais. *Presença*, Rio de Janeiro, n. 1, p. 137-151, nov. 1983.
- VIANNA, Luiz Werneck. *Travessia: da abertura à constituinte*. Rio de Janeiro: Livraria Tauros, 1986.